

Oração a São Francisco de Sales

Deus, nosso Pai, São Francisco de Sales testemunhou com a sua vida que sois um Deus de ternura e misericórdia. Realizastes nele coisas maravilhosas, corrigindo as arestas do seu temperamento irascivo.

Por sua intercessão, nós vos pedimos: enviai sobre nós o vosso Espírito Santo, que Ele nos ensine a ternura, a misericórdia e nos chame à reconciliação e à comunhão convosco e com nossos irmãos. Que o seu fogo de amor arranque nossas máscaras e faça cair por terra nossos planos egoístas, obrigando-nos a sair de nossas fortalezas interiores, de nossas falsas seguranças. Que as cadeias de nossos egoísmos e indiferenças sejam rompidas, vosso amor impere em nossos corações e nos torne amáveis com todas as pessoas, especialmente aquelas que convivem dia a dia conosco.

Método salesiano de espiritualidade:

1. Visar principalmente a agradecer a Deus;
2. Tudo por amor, nada por força;
3. Nada pedir, nada recusar;
4. Ir do interior ao exterior;
5. Caminhar suavemente;
6. Com doce diligência;
7. Viver o momento presente;
8. Recomeçar sempre;
9. Aproveitar de todas as ocasiões;
10. Viver em paz;
11. Viver alegres;
11. O Espírito de Liberdade.

1- Visar principalmente agradar a Deus

Tomo IX pg. 221

– Por certo, todas as almas cristãs são esposas de nosso Salvador e Mestre, e foram criadas para participar de sua glória; todavia, as religiosas são particularmente destinadas ao leito nupcial do Esposo celeste... São mais especialmente suas esposas do que qualquer outra criatura. São enfim, esta “única” (Cant. 6, 7-8). As religiosas tem mil vezes mais facilidade para que seu amor não seja partilhado; colocavam tudo em sue Esposo celeste, que é o único objeto de suas afeições e pretensões para ser suas por toda a eternidade, sem reservas e sem exceção; não tem outro desejo do que amá-lo e o agradar e procurando aniquilar seu amor próprio para fazer viver e reinar o amor de Deus, porque estes dois amores não podem conviver juntamente. (tirado do Sermão para a festa de S. Cosme e Damião).

Trat. Livro IX cap. XI

– O cantor a que me referi, ensurdeceu. Não tinha alegria em cantar, senão por ver que seu príncipe escutava, e mostrava deleitar-se com as suas harmonias.

Ah! Ditoso o coração que ama a Deus, sem buscar outro prazer senão o de agradar ao Senhor! E pode haver porventura prazer mais puro, mais perfeito do que o de agradar a divindade? Todavia, este prazer de agradar a Deus não constitui propriamente o amor divino, antes é um fruto dele, fruto tão natural como um limão do limoeiro.

Livro XI cap. XIII

– Os animais não podem conhecer o fim de suas ações, tendem

para o seu fim sem o pretenderem... Ora, o homem é de tal modo senhor de seus atos humanos e racionais que os pratica sempre com um fim e pode até destiná-los a um ou mais fins... Quem quer agradar a Deus e a N. Senhora faz muito bem, mas aquele que quisesse igualar ou exceder o preito de N. Senhora ao de Deus cometeria uma irregularidade... É necessário dar a cada um o seu lugar competente e por conseqüência, o supremo fim deve ser o de agradar a Deus. Ora o supremo fim das nossas ações, que é o celeste amor, tem a suprema propriedade de quanto mais puro for, mais pura torna a ação que dele procede.

Livro XI cap. XIV

– Submetamos, pois todas as virtudes à obediência da caridade; amemos as virtudes particulares, mas principalmente por serem agradáveis a Deus; amemos mais particularmente as virtudes mais eminentes, porque Deus as ama em particular. Deste modo o santo amor vivificará todas as virtudes, exaltando-as por todos os meios.

Livro XII cap. VII

– praticar com perfeição as pequenas ações, é realizá-la com muita pureza de intenção e uma profunda vontade de agradar a Deus. Neste caso servem com eficácia para nos santificarem. Sermão para a festa de Santo Agostinho: Santo Agostinho vivia de tal modo inflamado do amor sagrado, que tinha perdido o gosto de todas as coisas, e encontrava em todas o gosto do seu Salvador. Bebia e comia, dizia ele, sem saber que comia; dormia sem saber o que fazia; encontrava em tudo o gosto do amor do meu Salvador.

2 – Tudo por amor, nada por força

Tomo XII pg. 359, 364

– É preciso tudo fazer por amor e nada por força; mais amar a obediência do que temer a desobediência. Deixamos o espírito de liberdade, não aquela que sufoca a obediência, porque esta é a liberdade da carne; mas aquela que abafa o constrangimento e o escrúpulo apressa. Se amais bem a obediência e a submissão, quando vos chega uma ocasião justa e caridosa de deixar vossos exercícios, isto vos seja uma espécie de obediência e que esta falta seja suprida pelo amor. (...) mas fazei tudo isto com espírito de doçura e de amor.

– Os efeitos da liberdade são uma grande suavidade de espírito, uma grande doçura e condescendência a tudo que não é pecado ou perigo de pecado; é esta disposição de espírito docemente maleável às ações de toda virtude e caridade. Ex: Aquele que é apegado ao exercício da meditação, interrompido, sairá com tristeza, apressado. Outro que tem a verdadeira liberdade sairá com o rosto sereno e um coração gracioso a respeito do importuno que o incomodou, porque para ele tudo é a mesma coisa, servir a Deus meditando ou suportando o

próximo. Um e outro é a vontade de Deus, mas a tolerância do próximo é necessária neste momento. As ocasiões dessa liberdade são todas as coisas que acontecem contra a nossa inclinação. Esta liberdade tem dois vícios contrários: a instabilidade que é certo excesso de liberdade pelo qual se quer mudar de exercício de estado de vida sem razão ou conhecimento que seja de fato vontade de Deus... Por toda pequena ocorrência se deixa sua regra ou seu louvável costume e por aí o coração se dissipa..., e é como um pomar aberto de todos os lados do qual os frutos não são para os donos, mas para os transeuntes.

O constrangimento é certa falta de liberdade pela qual o espírito fica acabrunhado, aborrecido ou cheio de cólera quando não pode fazer o que determinou, ainda que faça coisa melhor.

3 – Nada pedir e nada recusar

Tomo XXI pg. 41 (cartas sem data a uma senhorita)

Eis, minha cara filha, as condições com as quais nos devemos entregar a Deus: deixar que sua vontade aconteça em nós, em nossos negócios e em nossos desígnios, e que rompa e desfaça a nossa, assim como lhe aprouver. Ó que felizes são aqueles quem Deus conduz a seu gosto e se submete ao seu beneplácito, tanto na tribulação como na consolação!

Tomo XXI pg. 156

– que a palavra de São Paulo: “que quereis que eu faça?” seja para sempre a palavra de nossa alma. São Bernardo dizia que é a palavra da fervorosa indiferença, que não tem nada a fazer, senão o que Deus quer e se submete a tudo o que lhe aprouver. Ao contrário, diz ele, é uma devoção mole aquela que é preciso lisonjear, sondar o que ela quer fazer antes de lhe dizer o que se quer que ela faça.

Aprendamos a dizer de coração, com São Paulo: “Estimo todas as coisas como lama e lixo, a fim de ganhar meu Jesus, e suas boas graças. Que nossa vida, como a sua,

seja escondida com ele em Deus; quer dizer, com Jesus Cristo.

Que as grandes e profundas máximas da verdade e o exercício da resignação façam nosso caminho para louvar e glorificar a Deus e lhe agradecer.

Para adquirir a santa prontidão em fazer o bem, é preciso pedir-la a Deus e não deixar passar nenhum só dia sem praticar alguma ação particular nesta intenção; porque o exercício serve maravilhosamente para se tornar um caminho fácil a toda sorte de operações.

Tomo VI pg.92

– Palestras Íntimas – da Esperança – Tenho um desejo imenso de gravar em vossos corações e espírito, uma máxima de utilidade incomparável: ***nada pedir e nada recusar***. Recebi o que vos derem, e não peçais o que não vos quiserem dar: nesta prática achareis a paz para as vossas almas. Sim, minhas muito queridas Irmãs, que o vosso coração esteja nesta santa indiferença de receber o que vos derem e de não desejar o que não vos derem. Numa palavra, não desejeis nada, mas entregai-vos plena e inteiramente, vós e todas as vossas coisas, ao cuidado da divina Providência; deixai-vos governar por ela como as crianças se deixam governar pelas mães: traga-vos ela, no braço direito ou no esquerdo, deixai fazer o que lhe aprouver, pois a uma criança isso seria

indiferente; que vos deite ou vos levante não vos importe, ela é uma boa mãe que sabe melhor do que vós o que vos convém...

Não podeis imaginar, sem o viver, quanto as nossas almas hão de aproveitar com tal prática: é que em vez de perder tempo a desejar quer um meio, quer outro, de nos aperfeiçoarmos, vamos com mais simplicidade e fidelidade, aos que encontrarmos em nosso caminho.

Tomo VI pg. 427 ss

– (Enfim, é preciso nada desejar e nada recusar, mas deixar-se entre os braços da Providência divina, sem se distrair com nenhum desejo senão no que Deus quer fazer de nós. São Paulo pratica excelentemente este abandono no mesmo instante da sua conversão; quando o Senhor o cegou, disse prontamente: “Senhor que quereis que eu faça?” E permaneceu indiferente a tudo o que Deus lhe ordenasse. ***Toda a nossa perfeição depende deste ponto... Não é pela multiplicidade das obras que agradamos o Senhor, mas pelo amor com que as fazemos.*** Onde há mais amor há mais perfeição. O melhor é nada desejar e nada recusar. Os desejos provem da natureza e só servem para inquietar os espíritos e contentar nosso amor próprio, sob o pretexto de fazer muito por Deus. Ó meu Deus, quando será que nossas irmãs não terão mais tantos desejos e tantas distrações para não querer mais senão o que Deus quer,

cuja vontade nos é significada por nossas Normas de Vida e pelos Superiores!).

Tomo VI pg. 388

– Perguntais-me o que é que eu desejo que permaneça mais gravado no vosso espírito afim de por em prática? Ah! O que eu desejo, minhas caras filhas são estas duas palavras que vos tenha já tantas vezes recomendado: Não pedir nada, nada recusar. Nestas duas palavras, digo tudo, porque este documento compreende a prática da perfeita indiferença. Vede Jesus no presépio. Ele recebe os serviços de José, a adoração dos reis, dos pastores, tudo com igual indiferença. Assim, nós não devemos nada desejar, nem nada recusar, mas sofrer e receber igualmente tudo o que a Providência de Deus permitir que nos chegue. Deus nos faça essa graça.

Tomo VI pg. 383

Minha Madre, eu falei um dia a uma excelente religiosa que me perguntava que se tendo desejo de comungar mais freqüentemente do que a comunidade se devia pedir a Superiora. Eu lhe disse que se eu fosse Religiosa, penso que faria assim: não pediria jamais para comungar mais freqüentemente do que a Comunidade o faz. Não pediria para usar cilícios, fazer jejuns extraordinários,

nem outra coisa; contentar-me-ia de seguir em tudo e por tudo a Comunidade. Se estou fraca e se não me fazem comer senão uma vez por dia, eu não comeria senão uma vez, sem pensar se estou fraca ou não. Quero poucas coisas; e o que quero, quero muito pouco. Não tenho quase desejos, mas se tivesse que nascer de novo, penso que não teria nenhum. Se Deus vem a mim, irei a ele; se não quer vir a mim, me mantereí ai, e não irei a ele. Digo, pois que é preciso nada pedir e nada recusar, mas deixar-se entre os braços da Providência divina, sem se distrair com nenhum desejo, se não o de querer o que Deus quer de nós. São Paulo pratica excelentemente este abandono, no mesmo instante da sua conversão. Quando Nosso Senhor o cegou, ele disse logo: Senhor que quereis que eu faça? E desde então permaneceu em absoluta dependência do que Deus lhe ordenara. Toda a nossa perfeição gira em torno deste ponto.

Mas, me dizeis, não se pode desejar as virtudes? E Nosso Senhor não disse: pedi e recebereis. Ó minha filha quando digo que é preciso nada pedir e nada desejar, entendo para as coisas da terra, por que o que é virtude podemos pedir, e pedindo o amor de Deus, nós aí as compreendemos, pois ele contém todas.

Tomo II Sta. Joana de Chantal – pg. 880

A perfeição interior a qual devemos fazer profissão... consiste na prática exata do último documento que

nosso Bem aventurado Pai nos deixou e que mil vezes nos inculcou, por suas palavra e por seus escritos... nada peçais, nada recuseis. Assim, minhas irmãs se pode dizer que esta santa prescrição é seu tratamento para nós, onde ele resume todos os ensinamentos que nos deu e suas últimas intenções a nosso respeito.

Tomo XXV pg. 171

Que as irmãs se mostrem muito afeiçoadas... a partir deste documento que é de um preço inestimável: “ Nada peçais e nada recuseis “; mas que elas se mantenham dispostas para fazer e sofrer tudo o que lhes acontecer da parte de Deus e da santa obediência. Isto nutrirá nelas a santa paz e tranqüilidade de coração que lhes tem sido tão freqüentemente recomendada; isto servirá ainda para que elas não se queixem jamais umas às outras, de suas tentações, desgostos, aversões, dificuldades nem mesmo das incomodidades corporais, senão à Superiora.

4 – Ir do Interior ao exterior

Tomo III pg. 216

Filotéia III parte cap. 22

Afirmam os naturalistas que escrevendo uma palavra numa amêndoa ainda intacta e fechando-a de novo, cuidadosamente em sua casca, uma vez lançada a terra, todos os frutos que daí nascem trazem escrita esta mesma palavra. Quanto a mim, Filotéia, nunca aprovei o método de certas pessoas que, para reformarem o homem, começam pelo exterior: pelo semblante, pelo vestido, pelos cabelos. Parece-me pelo contrário, que se deva começar pelo interior. “Convertei-vos a mim, diz Nosso Senhor, de todo o vosso coração. Meu filho dá-me o teu coração.” E de fato, o coração é a fonte das ações e são estas exatamente qual é o coração. O divino Esposo, convidando a alma para uma perfeita união, lhe diz: “Põe-me como um selo sobre o teu coração e sobre o teu braço. É com muita razão que assim fala, pois quem abriga Jesus Cristo no coração, tê-lo-á em suas ações exteriores, que são representadas pelos braços. Por isso, Filotéia, quisera gravar em teu coração estas palavras sacrossantas: **Viva Jesus!** – certo de que, se o nome dulcíssimo de Jesus estiver em teu coração, em breve passará para as ações exteriores, aos lábios, aos

olhos, às mãos, tanto que poderás dizer como o apóstolo São Paulo: “Eu vivo, mas não sou eu já o que vive, pois Cristo é que vive em mim” Enfim, quem ganhou o coração do homem, ganhou todo o homem... Sem dúvida, para curar a brotoeja não é necessário um banho, mas sim purificar o sangue. E no tocante a nossos vícios, embora seja bom mortificar a carne, o principal é sempre purificar o coração.

Tomo VI pg. 13 – 1ª Palestra (Entretenimentos)

As irmãs façam profissão particular de nutrir seus corações com uma devoção íntima, forte e generosa. Digo íntima de maneira que conformem a sua vontade às boas ações exteriores que praticarem, quer sejam pequenas ou grandes; que nada se faça por costume, mas sim por escolha e aplicação da vontade. E que se por ventura, algumas vezes a ação exterior anteceder a afeição interior, por causa do costume, que ao menos a afeição logo a acompanhe... As Irmãs da Visitação tem muito poucas regras para o exterior, poucas austeridades, poucas cerimônias, poucos ofícios: conformem, pois de boa mente e amor os seus corações com esse pouco, fazendo derivar o exterior do interior, e nutrindo o interior com o exterior. Desse modo o fogo produz a cinza e a cinza conserva o fogo.

Tomo XXI pg. 143

Sobre todas as virtudes, eu vos recomendo as duas caras virtudes de Nosso Senhor deseja tanto que aprendamos dele, a saber: a humildade e a doçura de coração. Mas, tomai cuidado, que sejam virtudes do coração. Lembrai-vos do que vos tenho dito: que é um dos grandes artifícios dos demônios, de fazer que muitos se divirtam em dizer palavras e fazer gestos exteriores de virtude, os quais não examinando as afeições do seu coração, pensam ser humildes e doces e todavia de fato, não o são.

5 – Ir caminhar suavemente (sem pressa sem queimar etapas)

Tomo XIII pg.19

(carta à Presidente Brulart)

Vós vos queixais de que várias imperfeições e defeitos se misturam em vossa vida, contra o desejo que tendes da perfeição e pureza do amor do vosso Deus.

Respondo-vos que não é possível abandonar-nos totalmente a nós mesmos. Enquanto estivermos aqui embaixo é preciso que nos levemos sempre a nós mesmos até que Deus nos leve ao Céu. E que, enquanto nós nos levamos, não levaremos nada que valha. É preciso, pois ter paciência, não pensar que podemos nos curar em um dia, de tantos maus hábitos contraídos pelo pouco cuidado que tivemos de vossa saúde espiritual. Deus curou alguns subitamente, sem lhes deixar nenhum sinal de suas doenças precedentes, como fez a respeito de Madalena, a qual num instante, de um esgoto de água de corrupção, foi transformada em uma fonte de águas de perfeições e não foi jamais perturbada desde aquele momento. Mas também o mesmo Deus, deixou em muitos dos seus discípulos vários sinais de suas más inclinações mesmo algum tempo após sua conversão, e isto para seu grande proveito: testemunha o bem aventurado São Pedro, que depois de sua

primeira vocação cai várias vezes em imperfeições, e se abate miseravelmente ainda uma vez pela negação.

Tomo XIII pg. 33

...Mas que esta palavra aqui, não vos desvie, porque é preciso, sobretudo, ir suavemente, passo a passo. O edifício será assim mais firme. Não devemos fazer barulho do que se passa, a fim de que as bênçãos do céu venham em nossa terra como o rocío sobre as plantas (Deut. 32,2) que se o vê descer antes de se perceber. Assim, é preciso conduzir imperceptivelmente todo o vosso desígnio até o cume da perfeição. Coragem minha amada filha. Deus n os dará sua graça.

Quanto a este outro bom pai, aprovo que o escuteis e que vos prevaleceis de seus conselhos, mas não no que seja contrário ao projeto que fizemos de seguir em tudo e por tudo o espírito de suavidade e de doçura e de pensar mais no interior do que no exterior das almas (Carta à Abadessa de Prieto D'Orb).

Tomo XIII pg 58 **(Carta à Madame Limojon)**

...Sim, verdadeiramente, é preciso ir suavemente cortando de nossa vida as superficialidades e mundaneidades. Não vedes que não se poda a vinha

maltratando, mas que se corta com a poda docemente sarmento por sarmento (ou ramo por ramo)? Vi uma peça de escultura que o artista trabalhou dez anos antes que ela ficasse perfeita e durante esse tempo jamais cessou de levar-lhe o cinzel e o buril pouco a pouco tirando tudo o que impedia a justa proporção. Não, sem dúvida, não é possível chegar em um dia ao que aspirais. É necessário ora ganhar este ponto, amanhã outro e passo a passo nos tornarmos donos de nós mesmos, o que não será pequena conquista... A empresa é grande, mas não tanto quanto a recompensa.

Tomo XIII pg.180

(Carta à Senhora Chamoisy)

Estou muito consolado de ver que vos entregais à Providência de Deus. É bem isso, minha cara prima, que é preciso sempre fazer em todas as ocorrências. E quando vos acostumardes a fazê-lo freqüentemente, não só de boca, mas de coração, profunda e sinceramente, crede que sentireis efeitos admiráveis... Ide, entretanto suavemente aos exercícios exteriores, e não vos comprometeis de ir a pé a S.Cláudio, bem como minha boa tia de Foug, que não tem mais idade para isso.

Tomo XII pg. 166

O que vos prometi agora vos direi. Parece-me que vos vejo apressada e com grande inquietação na conquista da perfeição. É isto que vos faz temer essas pequenas consolações e estes sentimentos. Ora, vos digo em verdade! Como está escrito no livro dos III Reis (Cap 19, 11-12): Deus não está no vento forte, nem na agitação, nem no fogo, mas nessa doce e tranquila aragem de uma brisa, quase imperceptível! Deixai-vos governar por Deus, não pensais tanto em vós mesma... A pressa, a agitação da vontade, não serve para nada; o desejo é bom, mas que seja sem agitação. Essa agitação é que vos proíbo expressamente, como imperfeição mãe de todas as imperfeições.

Tomo XII pg. 207

Guardo sempre e olho frequentemente a carta que o Sr. Presidente Favre me trouxe de vossa parte. Olho-a porque é o único título pelo qual vos posso pedir a estreita benevolência que ela me promete; eu a olho para ai ver esta mesma benevolência tão cortesmente pintada que eu não saberia ver alhures com mais doçura e prazer.

Tomo XIV pg. 2

Preparai de manhã vossa alma á tranqüilidade; tende um grande cuidado ao longo do dia de relembrar

freqüentemente e de retomá-la em vossas mãos. Se vos acontece algum desgosto, não vos espanteis e nem vos aborreçais, humilhai-vos docemente diante de Deus e procurai recolocar vosso espírito em postura (atitude) de suavidade. Dizei a vossa alma: Ora demos um passo em falso; agora vamos (*tout bellement*) suavemente e tomemos cuidado de nós. E tantas vezes quantas cairdes, fazei o mesmo.

Tomo XIV pg 53

(Carta a Senhora Fréchère)

É preciso sobre todas as coisas procurar esta tranquilidade, não porque ela é mãe da alegria, mas porque é filha do amor de Deus e da resignação de nossa própria vontade. As ocasiões de praticá-la são cotidianas, porque não faltam as contradições onde quer que estejamos. E quando ninguém no-las provocam, nos a ocasionamos a nós mesmos. Meu Deus, minha cara filha, como seríamos santos e agradáveis a Deus se soubéssemos bem empregar as ocasiões de nos mortificar que nossa vocação nos proporciona. Acautelai-vos muito cuidadosamente nesta gravidez; não vos preocupeis e nem tenhais nenhum constrangimento em nenhuma espécie de exercício, mas tudo suavemente. Se vos cansardes de joelhos, assentai-vos; se não podeis conservar a atenção para rezar meia-hora, orai um quarto de hora ou meio quarto de hora

somente. Peço-vos de colocar-vos diante de Deus e sofrerdes vossas dores diante dele.

Tomo XX pg.133

Minha filha, a devoção não é uma peça que se conquista a força de braço: é necessário verdadeiramente ai trabalhar, mas a grande obra (tarefa) depende da confiança em Deus. Ir suavemente se bem ainda que cuidadosamente.

Tomo XVIII pg. 37

... Ora minha filha, fazei que puderdes e permaneci em paz! E no que vos diz, minha cara prima, minha filha, não percais a coragem. Deveis ser tão amorosa de Deus, que ainda que não possais nada fazer junto dele e em sua presença, não deixeis de estar bem ai e de ficar somente para observar e olhar algumas vezes. E, pouco antes de ir à oração, procurai colocar vosso coração em paz e repouso e cheio de esperança de bem faze-la; porque se ides sem esperança e já desgostosa (com repugnância). Tereis dificuldade de vos empenhar. – Coragem, pois, dizei a Nosso Senhor que não o deixareis jamais, ainda que Ele não vos comunique nenhuma doçura. Dizei-lhe que permanecereis diante dele até que nos tenha abençoado. (Gen 32,26) Quando vosso coração se desgarrar ou se distrair, trazei-o docemente

ao seu lugar, recolocai-o ternamente junto de seu Mestre. E, quando não fizerdes outra coisa ao longo de vossa hora, do que retornar suavemente vosso coração e recolocar junto de Nosso Senhor... vossa hora seria muito bem empregada e faríeis um exercício muito agradável a vosso querido Esposo...

Tomo XIX pg. 125

Digo-vos que é preciso fazer essas recusas docemente, simplesmente, como se fosse por amor e não pela necessidade do combate. Acostumai-vos a falar um pouco mais suavemente e ir, quero dizer, caminhar, suavemente, fazendo tudo o que puderdes docemente, tranquilamente. E vereis que em três ou quatro anos tereis posto em ordem (reduzido) inteiramente esta inesperada prontidão (agitação). Mas, lembrai-vos bem de fazer tudo assim suavemente. Falai suavemente nas ocasiões onde a prontidão não vos instar e onde não houver nenhuma aparência de temor: como por exemplo, ao vos deitar, vos levantar, vos assentar, comer, quando falardes, com vossa Irmã Maria ou Ana, ou com vossa irmã Isabel. Em suma em tudo e por tudo. Ora, sei que em meio a tudo isso, farei muitas escapadelas cada dia, e que sempre este seu natural tão ativo fará suas saídas, mas... enquanto não seja vossa

vontade, vossa deliberação e que sempre percebendo estes movimentos procureis apaziguá-los.

6 – Com doce diligência

Tomo VI pg 162

Entretenimentos

O segundo ponto de que compõe a obediência é mais humildade do que obediência. É uma certa maleabilidade de nossa vontade em seguir a vontade de outrem e é uma virtude extremamente amável que faz dobrar nosso espírito em todas as mãos e nos dispõe a fazer sempre a vontade de Deus. Ex.: Se indo a um lugar, encontro uma Irmã que me diz que eu vá (a outro) alhures, a vontade de Deus para mim é que eu faça o que ela quer... Se eu oponho minha opinião à sua, a vontade de Deus para ela é que me ceda e assim em todas as coisas que são indiferentes.

Tomo XIV – pg. 21

Não percais nenhuma ocasião, por pequena que seja, em exercita-se na doçura de coração para com cada pessoa. Não penseis ser capaz de levar a efeito vossos negócios por vossa habilidade (vosso saber-fazer), mas somente pela assistência de Deus; portanto, repousai-vos em seu cuidado, crendo que Ele fará o que for melhor, enquanto que, de vossa parte, useis uma doce

diligência. Digo doce diligência, porque as diligências violentas destroem o coração e os negócios, e não são diligências, mas agitação e perturbação...

Meu Deus, Senhora, quando estivermos na eternidade, veremos como todos os negócios deste mundo são tão pouca coisa e nada importa que eles se realizem ou não... Cuidai fielmente de vossos negócios, mas sabeis que tendes um negócio mais digno que é o negócio da vossa salvação e o encaminhamento de vossa alma à verdadeira devoção. Tende paciência com todos, mas principalmente convosco mesma; quero dizer que não vos perturbeis jamais com vossas imperfeições e que tenhais sempre coragem de levantar. Estou feliz de que recomeçais todos os dias. Não melhor meio para a perfeição da vida espiritual do que sempre recomeçar e não pensar jamais ter feito bastante.

Tomo X pg. 105

Minha filha, todas as vezes que encontrares vosso coração fora da doçura, não façais senão retomá-lo docemente com a ponta dos dedos para recolocá-lo em seu lugar e não com aspereza, nem bruscamente.

7 – Viver o momento presente

Tomo IX pg. 436

(Sermão para o 4º domingo do Advento)

Nosso Senhor, querendo afastar a avareza e toda solicitude do coração de seus discípulos lhes recomenda de viver o dia a dia e de não ter jamais preocupação com o amanhã. Entre as ordens que dá aos filhos de Israel, recomenda-os de não recolher senão uma medida de Maria... Vivei dia a dia, comi o que se vos der e sereis bem alimentadas pelos exercícios que fareis e deixai o resto à divina Providência, pois ela proverá segundo vossa necessidade. Usai bem somente o que vos é dado e permanecei livres de todo outro cuidado.

Tomo XII pg. 206

Não nos preocupemos com o amanhã. Pensemos somente em bem aproveitar hoje. E quando o dia de amanhã tiver chegado, ele se chamará também, hoje, e então nele pensaremos. É preciso a este respeito, ter uma grande confiança e resignação na Providência de Deus. Fazer provisão de maná para cada dia e não mais. Não duvidemos de que Deus proverá amanhã e passado o amanhã, todos os dias de nossa peregrinação.

Tomo XXI pg. 170

Ide de boa fé sob a Providência de Deus, abandonando vosso coração a Nosso Senhor, porque vós tendes dado sem querer nada retomar.

Já que tendes abismado vossa vontade na sua, que a tendes tornado por vossa (feito sua), é necessário não querer mais nada, mas deixar-se conduzir segundo a divina vontade, com consequências da qual é preciso permanecer doce e tranquilamente, sem se afastar por coisa alguma, olhando sempre em todas as ocasiões, Nosso Senhor. Ah! Viva Deus! Tudo o que não é Deus, não é nada; meu Deus me é tudo em todos em todas as coisas.

Tomo XIX pg. 255

Por que tanta ansiedade? Deus é bom e conhece bem quem sois... Conservais vossos olhos bem elevados, minha querida filha, por uma perfeita confiança na bondade de Deus. Não vos apressais por Ele, pois Ele mesmo disse a Marta que não o queria, ou ao menos que não gostaria que se tivesse tanta agitação, mesmo para fazer o bem. Não examineis tanto a vossa alma sobre seus progressos, nem queirais ser tão perfeita; mas de boa fé, vivei vossos exercícios e ações que ocorrem de tempos a tempos. Não vos preocupeis com

o amanhã. Quanto ao vosso caminho, Deus que vos conduziu até o presente, vos conduzirá até o fim.

Tomo XIX pg. 301

Lembrai-vos que Nosso Senhor não quer que peçamos nosso pão anual, nem mensal, nem semanal, mas cotidiano (Lc 11,3). Procurai fazer o bem hoje, sem pensar no dia seguinte; depois no dia seguinte, procurai fazer o mesmo e nem pensais no que fareis durante o vosso cargo, mas ide dia por dia exercendo vosso ofício, sem alongar vossa preocupação, porque vosso Pai celeste que tem o cuidado de hoje, providenciará o amanhã e passado o amanhã de vosso governo, contando em que conhecendo vossa fraqueza, não espereis senão em sua providência.

8 – Recomeçar sempre

Tomo XVI pg. 312

Vi as lágrimas de minha pobre Ir. (Maria Madalena, e me parece que todos os nossos infantilismos não procedem de outra falta senão de que esquecemos a máxima dos Santos, que nos advertem que todos os dias devemos recomeçar nosso caminhar na perfeição. Se pensássemos bem nisso, não ficaríamos admirados de encontrar a miséria e o que podar em nós (e nem do que cortar). Nunca se está feito; é preciso sempre recomeçar

e recomeçar de bom coração de bom grado. “Quando o homem tiver terminado, diz a Escritura, então ele começará.” (Ecl 18,6) O que fizemos até o presente é bom, mas o que temos a começar será melhor, e quando o tivermos acabado, recomeçaremos uma coisa que será ainda melhor, e depois uma outra até sairmos deste mundo para iniciar uma outra vida que não terá fim, porque nada de melhor nos poderá acontecer. Veja pois minha cara Madre, se é preciso chorar quando se encontra trabalho em sua alma, e como é preciso ter ânimo para ir sempre avante, sem jamais se deter e ter coragem de meter a navalha “até dividir alma e espírito, dos nervos e dos tendões.” (Heb 4,12)

Tomo XIV pg. 22

Tende paciência com todos, mas principalmente convosco mesma, quero dizer, que não vos perturbeis jamais de vossas imperfeições e que tenhais sempre a coragem de vos levantar. Sou bem feliz de vos ver recomeçar todos os dias; não há melhor meio para levar avante a vida espiritual, do que recomeçar sempre, e não pensar jamais ter feito bastante.

Tomo XXI pg. 188

Devemos sujeitar a natureza à graça e não nos admirar nunca das dificuldades que se encontram porque

sempre é preciso estar pronto a recomeçar e a se humilhar (se aniquilar), perseverando neste exercício até a morte, na qual estaremos com nossa tarefa pronta, se perseverarmos, mas não antes; devemos coser nossa perfeição peça por peça, porque ela não se encontra jamais pronta, senão por milagre. Nosso Senhor pode dar um conhecimento num instante, como fez a S. Paulo. Todavia, este grande Santo depois de tantos arrebatamentos, não deixava de experimentar a miséria de nossa natureza, quando exclamava: “quem me livrará deste corpo de “morte?”(Rm 7,24) Enfim, não nos admirar de nos sentir fracos por nossas enfermidades e instabilidades, mas se humilhando, doce e tranquilamente, levantar o coração a Deus, e prosseguir sua santa empresa, confiando e nos apoiando em Nosso Senhor, porque Ele nos quer dar tudo o que é necessário para sua execução, não nos pedindo senão nosso consentimento e fidelidade. Ó se pudéssemos ao menos (uma vez) seriamente nos determinar e dizer absolutamente: “Senhor que queres que eu faça?”(At 9,6), como seríamos felizes!

Tomo XX pg. 214

Renovais todos os propósitos que já fizestes de vos emendar. Se bem que vedes que não obstante todas as vossas resoluções permaneceis engajada em vossas imperfeições, não deveis por isso vos cansar de

trabalhar por uma boa emenda, apoiando-vos na assistência de Deus. Toda a vossa vida sereis imperfeita e tereis sempre muito a corrigir; por isso é necessário jamais vos cansar deste exercício.

Tomo IX pg. 243

Qual é o ofício do religioso, senão o de bem cultivar o seu espírito, para desenraizar todas as más produções que nossa natureza depravada faz desabrochar todos os dias e que lhe pareça que deva sempre refazer? Os lavradores não devem se aborrecer e nem merecem ser censurados por não recolher uma boa messe, enquanto tenham o cuidado de bem cultivar a terra e bem semeá-la. Assim, os religiosos não devem se enfadar de recolher logo os frutos da perfeição das virtudes, enquanto tenham uma grande fidelidade para bem cultivar a terra do seu coração, cortando o que percebe ser contrário à perfeição, a qual é obrigado a tender, fazendo o que acha dever ser feito o para a aquisição das virtudes.

9 – Aproveitar todas as ocasiões

Trat – cap. VI do Livro XII – Tomo V pg. 329

Há almas que intentam fazer grandes serviços em honra de Nosso Senhor, que com ações eminentes, quer com sofrimentos extraordinários, mas ações e sofrimentos de cuja realização se lhes não apresenta nem jamais se lhes apresentará ocasião. E julgam que com esse simples projetos dão prova de grande amor. Nisso se enganam porque, abraçando por desejo, como lhes parece, grandes cruces futuras, rejeitam com ardor as presentes que são menores. Não será tentação essa valentia imaginária, sendo tão covardes na execução? Ah! Livrenos Deus destes ardores imaginários, que alimentam muitas vezes no fundo do coração, o vão e secreto amor-próprio! Nem sempre as grandes obras se nos deparam no caminho, mas o que podemos sempre é realizar as pequenas com perfeição, isto é, com muito amor. Vejamos aquele santo que deu um copo de água pelo amor de Deus, ao pobre passageiro sequioso: parece que faz pouco, no entanto a intenção, a afabilidade, a dileção de quem animou aquele ato, foram tão perfeitas, que o simples copo d'água se converteu em água de vida, mas de vida eterna. (Mt 10,42) As abelhas aurem o mel dos lírios, nos cravos, nas

rosas, mas nem por isso, deixam de fazer a mesma colheita nas florzinhas modestas, como são a do rosmaninho e a do tomilho. E é até nestas que colhem o maior e melhor porção de mel, porque dentro do seu pequenino cálice o mel se conserva melhor, por estar mais fechado.

Também nos pequenos e vulgares exercícios de devoção a caridade se pratica com mais frequência e ordinariamente com mais humildade, com mais fruto e proveito. A condescendência de sofrer o mau humor de outrem, o de atuarmos ações de modo grosseiro e aborrecidos do próximo, a vitória sobre o próximo, a vitória sobre o próprio gênio e paixões, a renúncia às mínimas inclinações e gostos, esse esforço contra nossa antipatias e repugnâncias, a sincera confissão dos nossos defeitos, essa lida e dificuldade contínua com que lutamos para mantermos a nossa alma em paz, o amor da nossa abjeção, o benigno e afável acolhimento que fazemos ao desprezo e censura da nossa posição, do nosso viver, dos nossos modos e ações. Ah! Flotino, tudo isso é mais proveitoso para a nossa alma do que podemos calcular desde que seja dirigido pela celeste dileção.

O Esposo divino diz no Cântico dos Cânticos que sua esposa lhe arrebatou o coração por um de seus olhos e por um de seus cabelos. Como devem entender essas palavras? É verdade que o olho é a parte mais admirável do corpo, tanto por sua estrutura como por suas funções, mas que há de mais vil e desprezível do que o cabelo? Deus nos quis ensinar por esta comparação que a nossas mínimas e mais insignificantes ações não lhe são menos agradáveis do que as maiores e de mais brilho. E que para lhe agradar é do mesmo modo necessário servir-lhe numas e noutras, podemos nós em ambas, indistintamente, merecer o seu amor. É bom e justo, que te prepares para suportar grandes cruces por Nosso Senhor... mas enquanto a divina Providência não exige de ti grandes coisas, enquanto não te pede os olhos por seu amor, oferece-lhe ao menos os teus cabelos. Quero dizer que é necessário suportar com brandura os pequenos incômodos; essas perdas pouco valiosas e essas contrariedades inúmeras de cada dia e essas pequenas ocasiões, sendo suportadas por um verdadeiro amor a Deus, granjear-te-ão inteiramente o seu Coração. Sim, estes pequenos atos de caridade que fazes todos os dias, essas dores de cabeça e de dentes, essa constipações, esse mau gênio do marido ou de uma mulher, esses pequenos despezos, essa perda

insignificante de um móvel, esses pequenos incômodos de deitar-se cedo e de madrugar pela manhã, para rezar... essa vergonha passageira que se tem ao fazer algum ato público de piedade; numa palavra, todas essas ações e sofrimentos sendo animados de amor de Deus, agradam muitíssimo à sua divina bondade, que prometeu o reino dos céus a quem der um copo d'água por amor a Ele, isto é, infinitamente mais do que o mar em comparação dum gota d'água – e como essas ocasiões se oferecem a cada instante, podes amontoar riquezas espirituais incalculáveis, se as aproveitares bem.

Santa Catarina de Sena com seus arrebatamentos e tantas palavras de sabedoria deve ter ganho o Coração do Esposo celeste, mas muito mais, noutras ocasiões em que por ordem de seu pai, se ocupava com os mais humildes trabalhos, da casa e da cozinha, cheia de uma coragem vinda do amor de Deus, como na simples meditação que fazia no meio destes serviços vis e abjetos. Citei este exemplo para veres a importância de fazer todas as tuas ações, por menores e baixas que pareçam, com os olhos em Deus, para servi-lo e ajudá-lo. Aconselho-te encarecidamente, a imitar a mulher forte, que Salomão tanto louvou, porque ocupada muitas vezes com grandes e importantes ações, nunca deixava de também fiar a sua roca. Faze o mesmo: aplica-te frequentemente a oração e à meditação, a recepção dos sacramentos, a instruir-te e a consolar os aflitos, a

inspirar o amor a Deus no próximo, a fazer todas as obras de maior importância e excelência que exige tua vocação, mas não te esqueças do fuso e da roca, isto é, desenvolve também estas virtudes pequenas e humildes que nascem do pé da cruz: o serviço dos pobres, visita aos doentes, os pequenos cuidados da família, e as boas obras que lhe são anexas, a útil diligência de te guardares da ociosidade em tua casa e ajunta a tudo isso alguma consideração semelhante a que fazia Santa Catarina. Raras são as ocasiões de fazeres grandes coisas no serviço de Deus, mas as ocasiões de pequenas obras são muito frequentes. “Quem me servir no pequeno, diz o Senhor, receberá o prêmio que dele me servirei para coisas grandes.

Faze tudo em nome de Deus e tudo será bem feito. Comendo, bebendo, dormindo, divertindo-te ou ocupando-te com algum trabalho humilde e vil, em toda parte hás de merecer muito diante de Deus, se santificas bem a tua intenção de fazer tudo porque Deus quer que o faça.

10 – Viver em paz

Tomo XIII pg.30

(à Madame Burgeois)

É por inspiração divina que me interrogas sobre a paz da alma e a humildade juntamente; porque é bem verdade que uma não pode estar sem a outra. Nada nos perturba senão o amor próprio e a estima que fazemos de nós mesmas. Se não temos ternuras e enternecimentos de coração, gostos e sentimentos na oração, suavidades interiores na meditação, eis-nos na tristeza. Se temos dificuldades no nosso trabalho ou algum obstáculo se opões aos nossos justos desígnios, eis-nos apressados em superar tudo isso, tornando-nos inquietos. Por que tudo isso? Porque sem dúvida, amamos nossas consolações, nossas facilidades, nossas comodidades. Quereríamos orar com água de flor de laranja e ser virtuosos comendo açúcar, e não olhamos jamais o doce Jesus que, prostrado por terra, seu sangue e água de tristeza pelo extremo combate que sente em seu interior entre as afeições da parte inferior de sua alma e as resoluções da parte superior.

O amor próprio é pois uma das fontes de nossa inquietação. A outra e a estima que temos de nós mesmos. Que quer isto dizer, senão que quando

acontece-nos alguma imperfeição ou pecado ficamos admirados, perturbados e impacientes? Sem dúvida, e que pensamos ser alguma coisa boa, firme e sólida, e no entanto, pelos fatos percebemos que somos nada e que demos com o nariz no chão, enganamo-nos e por conseguinte ficamos perturbados, ofendidos e inquietos. Se soubéssemos bem quem somos, em lugar de nos admirar de nos ver no chão, espantaríamos de como poderíamos permanecer de pé. Eis a outra fonte de nossa inquietação: não queremos senão consolações e nos admiramos de reconhecer e tocar com o dedo nossa miséria, nosso nada, nossa ignorância.

Façamos três coisas, querida filha, e teremos a paz: tenhamos uma intenção bem pura de querer em todas as coisas a honra de Deus e sua glória, façamos o pouco que pudermos para este fim, e deixemos a Deus todo o cuidado do resto. Quem tem Deus por objeto de suas intenções e que faz o que pode, por que se atormentar? Por que se perturbar? O que temer? Não, não, Deus não é tão terrível para aqueles que o ama; Ele se contenta de pouco porque sabe bem que não temos muito. E saíam, minha cara filha, que Nosso Senhor é chamado Príncipe da Paz e por toda parte onde Ele é o Dono absoluto, Ele mantém tudo em paz. É verdade, todavia, que antes de colocar por a paz em um lugar Ele faz guerra, separando o coração e a alma de suas mais caras, familiares e comuns afeições, como são o amor desmedido de si

mesmo, a confiança exagerada em si mesmo, a complacência consigo mesmo, e semelhantes afeições. Ora, quando Nosso Senhor nos separa dessas paixões tão estimadas e queridas parece que Ele rasga o coração ao vivo e se tem sentimentos muito amargos, esta separação é muito sensível. Mas, todo este despojamento do espírito não é sem paz, por que em fim, acobardado desta tristeza, não deixamos de ter nossa vontade resignada na de Nosso Senhor, mantendo-a aí, colada sobre este divino beneplácito, nem deixamos nossas obrigações e deveres, mas os executamos corajosamente. Nosso Senhor nos deu o exemplo jardim; porque acobardado de amargura interior e exterior, todo o seu coração se resigna docemente em seu Pai e em sua divina vontade, dizendo: “Seja feita a vossa vontade e não a minha”, e não deixa por todas as suas agonias de vir três vezes ver seus discípulos e admoestá-los. É bem ser o Príncipe da Paz, estar em paz no meio da guerra e viver em doença no meio das amarguras.

Disso, desejo que tereis essas resoluções. A primeira é que frequentemente julgamos ter perdido a paz porque estamos em amargura e, no entanto não a temos perdido! Podemos conhecer isso, se na amargura, não deixamos de renunciar a nós mesmos e querer em tudo depender do beneplácito de Deus, não deixando por isso de executar o cargo no qual estamos.

A segunda *c'est qu'il est force* que sofremos do inimigo interior quando Deus arranca a última pele do velho homem para torná-lo homem novo segundo Deus. Não devemos jamais nos perturbar disso e nem julgar que estamos na desgraça de Nosso Senhor.

A terceira é que todos os pensamentos que nos dão inquietação e agitação de espírito não são jamais de Deus que é o Príncipe da Paz.

É preciso em tudo e por tudo viver pacificamente. Se nos chega uma pena interior ou exterior, recebê-la em paz. Se nos acontece uma alegria, é preciso recebê-la pacificamente, sem por isso estremecer. Se for preciso fugir do mal, fazê-lo pacificamente, sem nos perturbar. Do contrário, fugindo, poderíamos cair e dar lugar ao inimigo de nos destruir. Se for preciso fazer o bem fazê-lo pacificamente, de outro modo cometeríamos muitas faltas nos apressando. Até mesmo a penitência, devemos fazê-la pacificamente. Eis, dizia este Penitente, que minha amarga amargura está em paz. (Is 38,17)

Tomo XIII pg. 173

Se alguma coisa não entendei bem, não vos aflijais, porque com tempo, o entenderéis sem dificuldade. Continuais somente a apresentar frequentemente vosso coração a Deus e vivei em espírito de doçura e humildade diante da sua Face e no meio do próximo, e

não duvideis jamais que Ele vos assista e conduza onde desejais.

11 – Viver alegres

Tomo XII pg. 169

Ide alegremente e de coração aberto o mais que puderdes. E, se não for possível ir alegremente, ide sempre corajosa e confiadamente. (Não fujais da companhia das Irmãs, ainda que ela não seja do vosso gosto; fugi antes, do vosso gosto, quando ele não for segundo a conversação das Irmãs).

Tomo XII pg.244

(à Madame de Boiszy, sua mãe)

Conservai-vos alegres em Nosso Senhor, minha boa mãe, e sabei, se vos apraz que vosso filho está bem, pela divina misericórdia e se prepara para ir vos ver em breve o mais longamente que for possível, porque sou todo vosso.

Tomo XIII pg 89

Que Ele seja vosso coração, minha filha, e eu sou Nele, por sua vontade, todo vosso. Vivei alegre e sede generosa. Deus, que nós amamos e a quem somos dedicados, nos quer assim. Ele que me deu a vós, seja

para sempre bendito e louvado. (à Santa Joana do Chantal)

Tomo XIII pg. 112

Despertaes frequentemente em espírito de alegria e de suavidade e crede firmemente que é este o verdadeiro espírito de devoção. E se alguma vez sentis o contrário atacada pelo espírito de tristeza e de amargura, lançaí a viva força o vosso coração em Deus... Dai um passeio, lede algum livro de que for mais do vosso gosto e, como diz o santo Apóstolo (Col 3,16 e Fil 5,19) cantai algum canto devoto. E isto deveis fazer frequentemente, porque além de vos distrair, Deus é servido. Se usais estes meio, cortareis pouco a pouco o caminho de todas as amarguras e melancolias espirituais.

Tomo XIII pg. 193

Alargai, minha filha, o vosso coração diante de Deus. Ide sempre alegremente em sua presença. Ele nos ama, nos quer bem, é todo nosso, este doce Jesus. Sejam os todos seus unicamente, amemo-Lo, *cherissous le*, e que as trevas, as tempestades nos envolvam e que as águas da amargura cheguem até o pescoço: enquanto estivermos sob o seu manto, nada temeremos.

Minha cara filha, eu vos escreverei frequentemente e mil e mil vezes vos abençoarei com as bênçãos que Deus

me deu. Vivei alegre, na saúde ou na doença, e estreitai bem firme o vosso esposo sobre o vosso coração.

Minha cara, minha caríssima filha, a quem eu sou o que sua divina majestade quer que eu seja e que não se pode dizer. Viva Jesus para sempre! Amém.

Tomo XII pg 252

Sede sempre bem pequena e diminui-vos todos os dias diante dos vossos olhos. Ó Deus, como esta grandeza é bem maior do que esta pequenez! É a verdadeira grandeza das viúvas, e bem mais ainda a dos Bispos. Pedi-a, continuamente por mim, que tanto necessito...

Alargai vosso coração, minha cara filha, e procurai que o amor de Deus seja vosso desejo e sua glória, vossa pretensão, vivei sempre alegre e com coragem...

Tomo XIII pg. 146

Sim, minha filha, digo-vos por escrito, como também verbalmente: regozijai-vos tanto quanto puderdes fazendo o bem, pois há uma dupla graça na boa obra, faze-la bem e faze-la alegremente. (Ecl 3,12 e II Cor 9,7) E quando digo fazer bem feito não quero dizer que se acontecer alguma falha, deveis vos entristecer por isso. Não, por Deus, isto seria acrescentar falta a falta; mas quero dizer que se perseverais em querer fazer o bem, e se voltardes sempre ao bem logo que percebeis ter se

afastado dele, por esta fidelidade vivereis sempre muito alegres.

Tomo XV pg. 206

Vivei alegres, minhas queridas filhas, entre vossas santas ocupações. Quando o ar estiver nublado, entre secura e aridez, trabalhai dentro de vosso coração pela prática da santa humildade e abjeção. Quando tudo for belo, claro e sereno, ide, fazei vossas espirituais saídas sobre as colinas do Calvário, das Oliveiras, de Sion e do Tabor e da montanha deserta onde Nosso Senhor apascenta seu caro rebanho hoje (Jo 6,1-15), voai até o cume da montanha eterna e vede as imortais delícias que aí estão preparadas para os vossos corações. (Is 44, 4 e I Cor 2,9)

Tomo XX pg. 257

Vivei, pois mais e mais nesse celeste amor de Nosso Senhor que vos impele por milhares de bençãos que Ele vos dá e, sobretudo pela inspiração que de o amar e de o desejar; e neste desejo, vivei alegre e santamente contente, mesmo no meio dos aborrecimentos e aflições que jamais faltam aos filhos de Deus.

12 – O espírito de Liberdade

Tomo XII pg. 263

A liberdade do qual quero falar, é a liberdade dos filhos bem amados. (Rom 8, 21) E o que é essa liberdade? É um desapego de um coração cristão de todas as coisas para seguir a vontade de Deus, reconhecida. Entendereis facilmente o que vos digo, se Deus me der a graça de vos propor as características, os sinais, os efeitos e ocasiões dessa liberdade.

Pedimos a Deus, antes de todas as coisas que “seu reino venha, que sua vontade seja feita na terra como no céu. (Mt 6,9.10) Tudo isso não é outra coisa senão o espírito de liberdade, porque enquanto que o Nome de Deus seja santificado, que sua vontade seja feita, o espírito não se preocupa de outra coisa.

Primeiro sinal – O coração que tem esta liberdade não está jamais apegado às consolações, mas recebe as aflições com toda a doçura que a natureza (carne) pode permitir. Não digo que ele não ama e não deseja as consolações, mas digo que ele não engaja seu coração nelas.

Segundo sinal – Não prende suas afeições aos exercícios espirituais, de modo que, se por doença ou outro incidente, estiver impedido, não tem nenhum pesar. Não digo também que ele não as ame, mas que não está

aí apegado (preso). Não perde sua alegria porque nada poderá entristecer àquele que tem seu coração desapegado de tudo. Não digo que não a perca, mas é coisa passageira.

Os efeitos desta liberdade são uma grande suavidade de espírito, grande doçura e condescendência a tudo o que não é pecado ou perigo de pecado. É esta disposição docemente maleável às ações de toda virtude e caridade. Ex: uma alma que se apega ao exercício da meditação, interrompida, a vereis sair com tristeza, apressada, aborrecida. Uma outra que possui a verdadeira liberdade sairá com um rosto sereno e um coração gracioso a respeito do importuno que a incomodou, porque para ela tudo é a mesma coisa, servir a Deus meditando ou servi-lo, tolerando-o próximo. Um e outro é a vontade de Deus, mas a tolerância é necessária neste momento. As ocasiões desta liberdade são todas as coisas que acontecem contra nossa inclinação. Quem não está apegado às suas inclinações, não se impacienta quando são contrariadas. Esta liberdade tem dois vícios contrários: a instabilidade de espírito e a servidão. A instabilidade é um certo excesso de liberdade pelo qual se quer mudar de exercício, de estado de vida, sem motivo e nem conhecimento da vontade de Deus... A servidão é uma certa falta de liberdade pela qual o espírito fica acabrunhado ou aborrecido quando não pode fazer o

que determinou (planejou) ainda que possa fazer coisa melhor...

Resta-me dizer-vos dois ou três exemplos desta liberdade, que vos farão melhor conhecer o que não sei dizer.

Primeiramente é preciso que eu vos diga que é preciso observar duas regras para jamais se enganar neste ponto. É que uma pessoa não deve jamais deixar seus exercícios e as regras comuns das virtudes senão que veja a vontade de Deus do outro lado. Ora, a vontade de Deus se manifesta de duas maneiras: pela necessidade e pela caridade. Quero pregar a quaresma num pequeno lugar de minha diocese. Se fico doente ou quebro uma perna, não tenho que me entristecer, nem me inquietar de não poder pregar, porque é coisa certa que a vontade de Deus é que eu o sirva sofrendo e não pregando. Se eu não fico doente, mas se apresenta a ocasião de eu ir a outro lugar, ou se eu não for, eles se farão huguenotes, eis a vontade de Deus bem declarada para fazer docemente, mudar a direção, contornar meu desígnio.

A segunda regra é que é preciso usar a liberdade por caridade, é necessário que seja sem escândalo. É uma falsa liberdade das mulheres casadas que se afastam de seus maridos sem legítima razão, sob pretexto de devoção e caridade. A liberdade não deve jamais prejudicar a vocação. A o contrário, ela faz com que cada um se compraza na sua, pois todos devem saber que é a vontade de Deus que aí se permaneça. (Cardeal

Borromeu – severo, mas comia com os suíços para conquistá-los) É um traço de santa liberdade em um dos homens mais rigorosos desta época. – Santo Inácio de Loyola, na quarta-feira Santa comeu carne sob uma simples ordem do médico, que julgou necessário por um pequeno mal que ele tinha. Um espírito estreito (rígido) se teria feito rogar três dias.

Tomo IX pg. 259

Recolhamos pois o exemplo sagrado que nos dão o Salvador a e Virgem Gloriosa, e aprendamos a nos submeter, a nos tornar flexíveis maleáveis e fáceis a voltar em todas as mãos pela santíssima obediência, e não por um tempo, nem por certos atos particulares, mas sempre, todo o tempo de nossa vida até a morte.

CORAÇÃO DE JESUS

Tomo XIV pg. 87

1608 (Mademoiselle Brechard)

Conserve bem este coração pelo qual o Coração de Deus ficou “triste até a morte”, e, após a morte traspassado pela lança, afim de que o vosso viva após a morte e seja feliz toda a sua vida. (Abrandai) mortificai-o bem em suas alegrias e regozijai-vos em suas mortificações.

Tomo XIX pg. 193

(à Madame de Valfin – maio de 1620)

Minha caríssima filha, agarrai-vos ao colo da divina Providência como uma criancinha ao colo de sua mãe; Ela vos levará, vos aliviará, vos dará leite no meio dos caminhos perigosos desta vida mortal. E, quando virdes, em Besançon o Santo Sudário, e nele o sinal da chaga do amoroso peito do Salvador, fazei-me participar dos desejos que tereis de viver como uma feliz hermitã, na caverna santa da dileção infinita que aí descobrireis.

Tomo XIV pg.252
(à Baronesa de Chantal)

Não, minha cara filha, não tenho nenhuma notícia vossa desde três meses. Não posso crer que não mas tenha enviado . Todavia, quanto mais elas demoram, mais as desejo boas. Confesso, meu coração me importuna um pouco a este respeito, mas eu lhe perdoos estes pequenos ardores, porque ele é paternal e mais que paternal... Não sei onde estareis nessa Quaresma quanto ao corpo; mas quanto ao espírito, espero que estareis “no buraco da pomba”(Cant 2, 14) e no lado aberto de nosso querido Salvador. Eu quero bem tentar estar aí frequentemente convosco. Deus por sua bondade nos faça essa graça. Ontem eu vos percebi, isto me parece, que vendo o lado do Salvador aberto, querieis tomar seu coração para o colocar no vosso, como um rei no seu pequeno reino; e, se bem que o seu seja maior que o vosso. Como este Senhor é bom minha cara filha! Permaneçamos aí nesta santa morada; e que este Coração viva sempre em nossos corações, e que este Sangue ferva sempre nas veias de nossas almas.

Tomo X pg.48
(Sermão para a Festa da Anunciação)

Ó que felizes são as religiosas que vivem no Instituto desta divina Abadessa e que são instruídas por essa

grande Doutora, a qual hauriu a ciência no Coração mesmo do seu querido filho, nosso Salvador, que é a Sabedoria do Pai eterno...

Tomo XIV pg. 214

(Carta à Baronesa de Chantal)

Estais, pois, toda resignada entre as mãos de nosso Salvador, por um abandono de todo o vosso ser ao seu beneplácito e santa providência. Ô Deus, que felicidade estar assim entre os braços e os seios daquele sobre o qual a Esposa sagrada, dizia: Ah! Beija-me com os beijos de tua boca! Porque os teus amores são mais deliciosos que o vinho. (Cant 1, 1) Permanecereis assim, cara filha, como um outro pequeno São João, e enquanto os outros comem à mesa do Salvador diversos alimentos, repousai e inclinai por uma simples confiança, vossa cabeça, vossa alma, vosso espírito sobre o peito amoroso deste caro Senhor, porque é melhor dormir aí sobre este sagrado travesseiro, do que velar em toda outra postura (lugar).

Tomo XV pg.51

(Carta a uma Religiosa de Santa Catarina)

Que felicidade minha querida Irmã, se algum dia, ao sair da Santa Comunhão, eu encontrasse o meu pobre e miserável coração fora do meu peito, e que em seu lugar fosse estabelecido este precioso coração do meu Deus!

Mas, minha cara filha, pois que não devemos desejar coisas tão extraordinárias, ao menos desejo eu, que vossos pobres corações não vivam mais de agora em diante senão sob a obediência e os mandamentos do Coração deste Senhor. Desta sorte, seremos doces, humildes e caridosos porque o Coração de nosso Salvador não tem leis que mais ame do que as da doçura, humildade e caridade.

Tomo XV pg.140
(Carta a uma senhora)

Ora, minha filha, eu vos recomendo a Deus para obter para vós esta sagrada paciência, e não está em meu poder propor nada para vós, senão que sendo do seu agrado, Ele prepare o vosso coração para aí habitar e reinar eternamente; que Ele o trabalhe, digo eu, com o martelo ou o cinzel, ou com o pincel: cabe a Ele fazer o que lhe agradar...

Tomo XIII pg.17
(à Baronesa de Chantal)

Vi um dia uma imagem devota: era um coração sobre o qual o Menino Jesus estava sentado. (Uma “imagem devota” semelhante a esta que descrevi aqui, o Santo ornerà mais tarde o título do ***Tratado do Amor de Deus*** primeira edição (1616) e edições seguintes, saídas da

mesma impressora). Ó Deus, digo eu, possais vós vos assentar sobre o coração desta filha que me destes e a qual me tendes dado. Agrada-me ver que nesta imagem Jesus está assentado e repousando, porque isto me representa uma estabilidade e me agrada ainda de que Ele seja criança, porque é a idade da perfeita simplicidade e doçura. E comungando no dia no qual eu sei que fazíeis o mesmo, eu alojei (coloquei) por desejo esta bendita Hóstia, neste lugar em vós e em mim.

Deus seja em tudo e por tudo bendito, e queira apossar-se de nossos corações pelos séculos do séculos. Amém.

Vosso servo dedicadíssimo nas entranhas de Nosso Senhor, Francisco de Sales.

Tomo XIII pg. 76

Ó Deus, dizia eu, quem me dará essa felicidade de ver um dia o nome de Jesus gravado sobre o seu peito? Como eu desejaria ter o ferro da lança de Nosso Senhor em uma mão e vosso coração na outra! Sem dúvida eu faria esta obra. Vede, minha cara filha, onde o meu espírito se deixa ir? Lembro-me também dos palácios de Paris, sobre a fachada dos quais está escrito o nome dos príncipes aos quais eles pertencem; e me regozijo de acreditar que aquele de vosso coração é Jesus Cristo. Queira Ele habitar aí eternamente.

Tomo XIII pg.202

Sempre queremos isto e aquilo mas, se temos nós o bom Jesus sobre o nosso peito, não estamos contentes; todavia, eis tudo o que podemos desejar. Uma só coisa nos é necessária, é estar junto dele.

Tomo XIII pg. 267

Ah! Meu Deus, como sou devedor a este amável Salvador que nos ama tanto. Eu queria bem e de uma vez para sempre apertar e coloca-lo sobre o meu peito. Quando falo assim, eu tendo também sobre o vosso, pois que com Ele quis que fôssemos inseparavelmente um, nele. Adeus, minha caríssima, minha verdadeira Irmã e Filha. Que para sempre Jesus esteja em nossos corações; que Ele aí viva e reine eternamente. Que para sempre seu nome seja bendito bem como o de sua gloriosa Mãe. Amém. Viva Jesus e que o mundo morra se ele não quer viver Jesus. Amém.

Tomo XIII pg. 354

Estou de tal maneira ocupado que não tenho vagar para vos escrever senão a grande palavra de nossa salvação: Jesus. Sim, minha filha, que possamos ao menos uma vez pronunciar este nome sagrado de nosso coração. Ó que balsamo se derramaria em todas as potências de

nosso espírito! Como seríamos felizes, minha filha, de não ter na inteligência, senão Jesus, na memória Jesus, na vontade Jesus, e Jesus na imaginação. Jesus estaria por toda parte em nós, e nós sempre Nele. Experimentemos, minha caríssima Filha; pronunciemo-lo o mais frequentemente que pudermos. Se bem que para o momento não seria senão balbuciar, todavia no fim, poderíamos bem pronunciá-lo. Mas o que é bem pronunciar esse sagrado nome? Pois vós me pedis de falar claro. Ah! Minha filha, não sei bem, mas sei somente, que para bem exprimi-lo é preciso ter uma língua de fogo, isto é, que seja pelo único amor divino, sem mistura, (exprima) manifeste Jesus em nossa vida imprimindo-o no fundo de nosso coração. Todavia, coragem minha filha, sem dúvida amaremos a Deus, porque Ele nos ama. Alegrai-vos com isso e não permitais que vossa alma se perturbe por coisa alguma.

Tomo XIII pg. 357 - 358

... Sim, comungai nessa Quaresma, nas quartas e sextas-feiras além do dia de Nossa Senhora e dos domingos. Mas, o que entendeis por digestão espiritual de Jesus Cristo? Aqueles que fazem boa digestão sentem um revigoreamento por todo o seu corpo, pela distribuição geral que se faz do alimento em todas as suas partes. Assim, minha filha, aqueles que fazem boa digestão espiritual, sentem que Jesus Cristo, que é seu alimento,

se irradia e se comunica em todas as partes de sua alma e de seu corpo. Eles têm então, Jesus no cérebro, no coração, no peito, nos olhos, nas mãos, na língua, nos ouvidos, nos pés. Mas, este Salvador, o que faz por toda parte? Ele coloca tudo em ordem, Ele purifica, (amolece) mortifica, vivifica tudo. Ele ama no coração, no cérebro entende, no peito anima, vê nos olhos, fala na língua e assim por diante. Ele faz tudo em tudo, e então nós vivemos, não mais nós, mas Jesus Cristo em nós. Ó quando será isto, minha filha? Meu Deus, quando será? Mas, entretanto eu vos mostro o que é preciso pretender, mas contentar-se de atingi-lo pouco a pouco. ...É um ponto importante, minha Filha, não comer senão um alimento, quando ele é bom; o estômago faz melhor o seu dever. Não desejemos senão o Salvador e espero que faremos boa digestão.

Por que meios a alma religiosa aduba o Coração do seu Amado

(Nossa Santa Madre)

(Meditação XVIII)

I) Considerai que Deus vos tendo docemente (arrebatado) atraído, retirando-vos do meio da minha queridas Irmãs, conheci e reconheci a excelência e dignidade da ventura da vocação religiosa. Estimai-a e presai-a acima de tudo o que o mundo faz caso. Tende verdadeiros desejos da perfeição e enfim, tende uma

grande coragem para levar a prática os bons desejos e para vencer e superar as dificuldades que se encontram no exercício das virtudes. Não sabemos em que consiste a essência da verdadeira virtude e oração. Não é outra coisa, senão estar sempre prontas a receber toda sorte de obediência, conserva a alma unida a vontade de Deus tanto quanto vos for possível. Quem puder dizer em verdade que está sempre disposta a tudo o que se lhe quiser mandar, está sempre em oração.

Excelência da Oração

Santa Joana de Chantal –
Sua Vida e suas Obras – Tomo II

É bom, caras filhas, vosso desejo de ser instruídas sobre a oração, e de pedir que eu vos diga sobre este assunto, uma palavra: ela é o canal que une o coração de uma religiosa com o Coração de Deus. A oração atrai as águas do céu, que descem e sobem de nós a Deus e de Deus a nós.

É o primeiro ato de nossa fé; e por conseguinte, o que o Apóstolo, diz da fé, que sem ela é impossível agradar a Deus, devemos dizer da oração. É o meio pelo qual pedimos a Deus e a Jesus Cristo, que é nosso único libertador, que nos salve, uma vez que sentimos em nós tão grandes movimentos de imperfeição, que se não nos sustentasse a cada momento, por vossas graças, pereceríamos.

Pode-se dizer em certo sentido, que tudo o que fazemos, na religião, o comer e o dormir, é uma oração, quando os fazemos simplesmente na ordem que nos é prescrita, sem acrescentar e nem diminuir nada, por nossos caprichos e vãs escolhas, isto é, quando se obedece a

toda (norma) regra, morta e viva, tanto a Superiora que vemos, e que nos governa por suas ordens, quanto ao Bem-aventurado que fez a regra e que não vemos. Quando o tempo, a hora de nos colocar diante de sua divina Bondade, para lhe falar só a sós, chega, é o que se chama oração, apenas só a presença de nosso espírito diante do seu e do seu diante do nosso, constitui a oração, seja que aí tenhamos bons pensamentos e bons sentimentos, ou que não os tenhamos.

É preciso somente, com toda a simplicidade sem fazer nenhuma violência de espírito, mantermo-nos diante dele, com os movimentos de amor e atenção de toda nossa alma, sem nos distrair voluntariamente; então, todo o tempo em que estamos de joelhos será tido por uma oração diante de Deus, uma vez que Ele ama tanto o sofrimento (tolerância) humildade dos pensamentos vãos e involuntários, que nos atacam então, quanto os melhores pensamentos que tivéssemos tido em outros tempos. Uma das mais excelentes orações é o desejo amoroso de nosso coração para com Deus e o sofrimento das coisas que nos desagradam. Encontra-se então assim, com paciência, que é a primeira das virtudes, e a alma que se educa assim, humildemente no meio de suas distrações deve crer que orou tão bem como se não tivesse tido nenhum esforço.

É um sinal de simplicidade e mesmo de amor de Deus, fazer-lhe nossos pedidos sem querer constrangê-lo a dar-nos senão tanto quanto lhe aprouver. Ele fica

encantado com a oração de uma tal alma tão simples, tão humilde e tão submissa à sua vontade, como ficamos arrebatadas de vir um pobre pedir-nos esmola, sem se perturbar da recusa que lhe fazemos. É da simplicidade desta alma que ora assim que é preciso dizer: “Se teu olho é simples, todo o teu corpo será luminoso”, quer dizer, todas as boas obras que farás na religião, ao longo do dia, depois de uma tal oração, serão agradáveis àquele a quem oras, e cheias da sua luz divina, invisível e insensível. Frequentemente acontece que quando pensamos ter as luzes da graça, nós não as temos; e quando não pensamos tê-la, as temos. A operação do Espírito Santo na alma sendo toda interior e frequentemente desconhecida da própria alma é em vão que se tenta procurar luzes na oração. Há algum tempo eu escrevi a alguém a alguém, que é preciso ser como um vaso aberto e exposto diante de Deus, quando se ora, afim de que Ele aí destile sua graça pouco a pouco segundo sua vontade e permanecer quase tão contente de o trazer vazio, como se fosse repleto. No fim, acontecerá que Deus aí derramará esta água divina, se se apresenta sempre com esta fé viva, e um inteiro desinteresse do que se pode desejar dele, e muitas vezes se crê voltar vazio, quando se está cheio do Espírito de Deus, se bem que ignorando. O caminho do Espírito de Deus em nós, é desconhecido pois a escritura diz: “não se sabe de onde vem nem para onde vai.” É bastante saber que se recebeu, pelos efeitos que produz

todos os dias, e que se sente mais forte do que antes, sem saber como nem quando esta graça veio até nós. É certo que não pode ter vindo senão da oração e pelas frequentes ofertas que temos feito do nosso coração a Deus. Não se vê crescer as árvores, nem os corpos dos homens, mesmo que se os olhasse desde a manhã até a noite, mas se admira de ver o seu crescimento. Acontece o mesmo com as almas, elas avançam nas vias de Deus, se bem que não se percebam, contanto que sejam fiéis em corresponder às luzes e atrativos da graça. Acontece com o Espírito de Deus que pedimos pela oração, como com o Corpo de Deus que o Padre torna presente, pela consagração. Um e outro nos é necessário e nos foi prometido por Jesus Cristo Nosso Senhor para nutrição de nossas almas. E, no entanto, nem o padre, nem nós, quando comungamos, e que a fé nos ensina que recebemos o Corpo de Jesus Cristo, não temos comumente nenhum gosto e nem sentimento, mas nós o digerimos (para usar o termo) pela fé, estando certos da palavra de Deus, ainda que não tenhamos nem visto, nem sentido, nem experimentado gosto...

Dos escritos de nossa Santa Mãre

Tomo II

Pg.1 – Principais avisos de direção recebidos de S.Francisco de Sales.

O tempo que determinamos dar a Deus na oração demo-lo com o pensamento livre e desocupada de todas as outras coisas, com resolução de jamais desperdiçá-lo por qualquer trabalho que nos solicite, tendo esse tempo como uma coisa que não nos pertence (não é mais nossa).

Pg.2 – Ainda que eu me sinta miserável, não me perturbo, e algumas vezes fico feliz, pensando que sou uma verdadeira obra da misericórdia de Deus.

- Permaneci em paz com vosso Esposo, bem apertado em vossos braços.

- É bom apresentar sua necessidade a Deus e invocá-lo no começo de toda ação. Pensai que o amoroso Salvador está assentado no vosso coração como em seu trono, olhai-o frequentemente, humilhando-vos muito diante dele. Desejo que sejais extremamente humilde, que vosso coração seja muito reto, aberto e sem reservas a

meu respeito; aí está o grande preceito, porque daí depende todo o resto.

- Quando a religiosa Professa, se coloca um crucifixo material entre seus braços, mas eu, minha filha, vos dou o verdadeiro crucifixo, é vosso Esposo, levai-o entre os braços de vossa alma, conservai-o bem apertado e não abandoneis jamais o pé da Cruz, dando-lhe vosso coração cem vezes ao dia.

Pg.3 – Deus quer que vossa miséria seja o trono da misericórdia e vossas impotências a sede de sua onipotência. Ele vos deixa aí para sua glória, sem dúvida, e vosso grande proveito. “Que Ele me mate, diz Jó, esperarei nele”. Permanecei humilde, tranquila, amorosa e confiante, no meio da obscuridade e impotência.

Não quero constranger vosso espírito por nada, senão a bem servir e bem amar, não abandonando nossas resoluções, mas amando-as.

Pg.4 – Esta miserável vida é um caminhar para a bem-aventurança; não os encolerizemos no caminho. Vamos com vossos companheiros amorosa e pacificamente. “A ira do homem não opera a justiça de Deus” (S.Tiago) e menos aquelas das mulheres. Também Nosso Senhor encerra toda a sua doutrina (normas) sobre os costumes nestas palavras: “Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração”. Em resumo, o açúcar não estraga nenhum molho...

A Esposa de Nosso Senhor é chamada Sulamita, quer dizer pacífica, e que debaixo de sua língua, ela tem o mel e o leite, e, em seus lábios, um raio destilando. Também S.Paulo nos ensina a vencer o mal e não combatê-lo. Aqueles que se encolerizam combatem o mal, mas os que são mansos o vencem.

Pg.4 (12) – Lembrai-vos de que o passado não é nada, e que cada dia, é preciso dizer com Davi: Hoje começo a amar o meu Deus.” Fazei muito por Deus e nada sem amor...

Pg.5 (14) – Lançai frequentemente o vosso coração nas chagas de Nosso Senhor, mas não a força de braços. Tende uma extrema confiança em sua misericórdia e bondade que não vos abandonará jamais, mas não deixeis por isso de tomar a sua Santa cruz. Após o amor de Nosso Senhor, recomendo-vos o amor de sua Igreja. Louvai a Deus cem vezes ao dia por serdes filha de sua Igreja...

Pg.5 (15) – Nosso Senhor deseja que não penseis nem vosso adiantamento e nem na vossa emenda (conversão), mas em receber e empregar as ocasiões de servi-lo, pela prática das virtudes, em cada momento, sem reflexão sobre o passado ou o futuro. Cada momento deve trazer o seu cuidado e única ocupação, nos retornos a Deus, e em geral abandono que destrói tudo o que se opõe aos seus desígnios.

Pg.7 (19) – Representai em vossa imaginação, Jesus crucificado e dizei cem vezes, beijando o seu lado: Eis

minha esperança, a viva fonte da minha felicidade, o coração da minha alma, a alma do meu coração; nada me separará deste amor; eu o tenho e não o deixarei enquanto não me tiver colocado em lugar de segurança. Dizei-lhe frequentemente: Que posso ter sobre a terra, ou o que pretendo no céu, senão, Vós, ó meu Jesus? Vós sois o Deus do meu coração e minha herança que desejo eternamente...

Pg.7 (20) – O medo é o maior sinal do que o mal mesmo.

Pg.8 (22) - Não vos esforceis para destruir a soberba, mas procurai assegurar-vos da humildade, exercendo-a positivamente... Apegai-vos fortemente à Providência divina; que ela faça o que quiser do que é nosso; que nos conduza para onde parecer melhor...Ardorosamente caminhemos neste amor essencial, sólido e invariável de nosso Deus...Recomendo-vos nossa simplicidade, que é tão agradável ao Esposo , e nossa pobre humildade que tem tanto poder sobre Ele. Não somos demasiado feliz por saber que é preciso amar a Deus e que todo o nosso bem está em servi-lo e toda a nossa glória em louva-Lo. Como sua bondade é grande sobre nós!

Pg.9 (24) – Nada no mundo é digno de nosso amor; é preciso dá-lo todo a este Salvador que nos deu todo o seu amor. Apertai muito fortemente o caro crucifixo sobre vosso peito.

Pg. 9 (25) – A oração de simples entrega a Deus é e santa e salutar, não deveis jamais duvidar; ela foi bastante

examinada e sempre se chegou a conclusão que Nosso Senhor queria nos ensinar esta maneira de orar.

Não é preciso outra coisa do que aí continuar suavemente.

Pg. 9 (26) – Examinai frequentemente se tende vossa alma em vossas mãos, se alguma paixão, dúvida ou inquietação não vo-la levou, mesmo, se tendes sobre ela o comando, ou bem, se ela está engajada em alguma afeição. E, se vedes que ela vos escapou, antes de todas as coisas, procurai-a e retomai-a; mas lembrai-vos de que é preciso retomá-la suavemente, mansamente, porque se a quereis agarrar a força de braço, vós a desgostareis. Deus seja nosso tudo!

Pg.9 (27) – Considerai frequentemente, se podeis dizer com verdade: “Meu Bem-amado é meu e eu sou dele”! Vede se há alguma parte de vossa alma, ou faculdade de vosso corpo, ou de seus sentidos que não sejam de Deus, e, tendo-o encontrado, retomai-o, onde estiver, e dai-o novamente a Deus, porque sois dele toda, toda, toda.

Pg.12 (34) – Não quero nem esta virtude e nem aquela, só quero o amor de Deus e o desejo de seu amor, o cumprimento de sua vontade em mim. Ah! Não que fazer nem réplicas e nem reflexões. Deus me deu um grande amor às máximas do Evangelho, e creio que é consequência do conhecimento (compreensão) que Ele me dá de suas graças e perfeições.

Pg.12 (35) – Tendo orado ardentemente a Deus para que Ele nos faça sentir como é preciso renunciar todo o vosso cuidado, toda a vossa agilidade e destreza de espírito, todos estes pequenos pontos de vosso entendimento que quer tudo dirigir, ver e prever, tudo entre as mãos de sua vontade soberana e paternal. Não permitais jamais que vosso coração...

Pg 12 – 13 (36) – *Ó Senhor, mastigai-me, digeri-me, aniquilai-me em vós. Não quero nada, senão Deus, repousando Nele totalmente, afirmando-me mais e mais em seu serviço numa plena dependência de sua divina Providência, e sempre mais fortemente ancorada e firme na fé de sua verdadeira palavra, e toda abandonada a sua vontade e seu cuidado. Ó bondade eterna! Ó bondade paterna! Meu coração está disponível a Vós. Sim, meu Deus, Vós sabeis, não vejo nada em mim que valha e que me possa apoiar e que as esperanças que me dais de minha salvação eterna estão firmemente ancoradas nos méritos de Vossa Santa Paixão, e sobre Vossa incompreensível bondade e doçura. Amém.*

Os mais belos ensinamentos de Santa Joana de
Chantal
sobre a maneira de conversar com Deus
(oração)

A primeira observação para a oração, minha queridas filhas, é esta: a não ser que a alma seja atraída para Deus de maneira extraordinária, deve, se quer dar-se a este exercício, preparar-se bem, conforme o que diz a Sabedoria: “Antes da oração prepara a tua alma, pensa no que vais fazer e a quem vais falar”. É da falta de preparação que provém tantas orações mal feitas. Ora, esta preparação tem um duplo aspecto: ela é remota e próxima, A preparação remota, outra coisa não é senão a paz da consciência, a guarda dos sentidos, contínua presença de Deus, uma familiar conversação com Ele em seu interior e sobretudo a libertação de todas as afeições e paixões desordenadas. Em fim, é preciso que nos despojemos de tudo aquilo que perturba o espírito e a consciência e nos impede mantermo-nos em recolhimento e liberdade interior. A mortificação e a oração são as duas asas da pomba prontas a levantar o vôo para as altas regiões afim de se repousar em Deus longe da comunicação com as criaturas. E assim, como as aves não podem voar com uma asa só, assim devemos nos persuadir que a alma não pode elevar-se a

Deus só com a mortificação. A mortificação sem oração é esforço inútil; a oração sem a mortificação é semelhante a um alimento sem sal, fácil de corromper. É pois, necessário dar às nossas almas estas duas asas e assim poderão voar até a intimidade de Deus, e na conversação com Ele encontrar a saciedade do coração. Minhas filhas, é necessário despojarmo-nos de tudo, renunciar às criaturas inteira e corajosamente, dominar a revolta dos instintos, sujeitar a vontade própria, o juízo próprio, e querer depender de Deus em tudo aquilo que concerne ao nosso interior. Para a alma da qual o Espírito Santo se apodera, não existem métodos nem regras de oração, porque Ele a move como lhe agrada. É preciso que ela seja entre as mãos de Deus como o barro que o oleiro trabalha, ou como a cera mole prestes a receber a impressão do sinete, ou ainda como uma placa branca, sobre a qual o Espírito Santo escreve a sua divina vontade. Indo para a oração se nos for dado tornar-nos pura capacidade para receber o Espírito de Deus, isto valeria por todo método. A oração não é arte, é dom. Entrai na oração pela fé, permanecci nela pela esperança e não saiais dela senão pela caridade, a qual exige de vós ação ou sofrimento. A primeira disposição para a oração é a pureza de intenção que nos faz referir tudo unicamente à glória de Deus; a segunda, uma aceitação perfeita, uma total indiferença a tudo que nos possa acontecer; a terceira, uma grande renúncia aos nossos pontos de vista, aplicando-nos somente ao que

Deus nos destina (dá). Na oração é preciso concentrar todas as nossas faculdades em nosso íntimo e dizer: minha alma, vais aparecer diante de Deus e tratar com Ele; deixa tudo o mais. Crede-me minha queridas filhas, levai para a oração a maior tranquilidade de coração que vos for possível; encerrai-vos no vosso céu interior, não vos deixando distrair pelas coisas sensíveis e sem dúvida sereis saciadas da água da cisterna. Para entrar na presença de Deus, considerai a Onipresença, a qual é como o ar que tudo penetra, em tudo está. Algumas vezes se pode olhar Deus em torno de nós, envolvendo-nos inteiramente e nós n'Ele como o peixe na água ou como as aves no ar. Ou então, recolher-nos no íntimo de nós mesmos, e aí, firme e tranquilamente, contemplar a essência divina que enche o nosso ser; ver como o Pai aí se contempla, e como o Pai e o Filho, produzem o Espírito Santo. Também podemos pensar em Jesus Cristo no Ssm^o Sacramento do Altar, e para honrá-lo neste mistério, temos o que a fé nos ensina: que o Deus humanado está ali, e que esta mesma humanidade está assentada a direita do Pai Eterno. Enfim, é preciso humilhar-nos e termo-nos por indignas de falar com Deus, dizendo com Abrão: “Falarei ao meu Senhor, eu que sou pó e cinza”. À hora marcada para a oração, o nosso espírito que esperava esse feliz momento com santa impaciência, deve levantar-se imediatamente ao sinal dado, para receber a honra que se lhe quer fazer. Depois, invocar o Espírito Santo, a Ssm^a Virgem, do seu

bom Anjo e tomar alguns Santos para advogados da oração e para permanecer conosco diante de Deus. A disposição mais conveniente para a oração é um coração despojado; que a alma, com todas as suas potências, e faculdades interiores, se apresente disponível diante de Deus e se submeta aos seus desígnios. As vezes fará isso formalmente e com propósito renovado.

A oração para ser boa deve ser feita com atenção e reverência. Seria razoável que Deus, diante de quem os Serafins se abismam, atendesse a quem lhe falasse irreverentemente? Mais, devemos ocupar o espírito segundo o atrativo, ou pela consideração ou pela simples vista de Deus, conforme ele nos conduzir. Deve-se concluir a meditação por três ações que jamais devem faltar:

A primeira: é a ação de graças;

A segunda: a oferenda;

A terceira: a súplica,

pela qual pedimos a assistência de Deus para executar as boas resoluções que fizemos. Por fim, colher um pequeno ramalhete de devoção dos principais afetos que tivemos para adorá-lo ao longo do dia.

Leituras indicadas no capítulo X
das Constituições.
“Como Cristo Jesus manso e humilde”

**Sobre o amor da abjeção
(Entretenimento XIX – Santa Chantal Vol. II pg.283)**

Tendes razão de me dizer que quando lerdes estas duas Constituições da Modéstia e da Humildade aí encontrais coisas tão perfeitas que se teme de não poder chegar até lá. Não, minha filha, é verdade que não se poderia acrescentar maior perfeição do que ao que elas nos ensinam. Que poderia haver de mais modesto e mais regulado do que a pessoa que fosse perfeitamente moldada sobre a primeira, e onde encontrar mais íntima e divina humildade do que a que está descrita na segunda destas Constituições? Noto dois pontos importantes: *humildade profunda e humildade que não consiste em gestos e palavras, mas em verdade e efeito.* Sim, minhas Irmãs, *não falemos tanto de humildade, não vos ocupemos tanto em desejá-la, mas vamos a prática.* Esta virtude quer obras e não palavras. Quereis ser humilde, minha filha, procurai vos conhecer bem. Gostai que se vos conheça imperfeita, amai o desprezo de todas as sortes (maneiras), em todas as ações e de

qualquer parte que venha. Não escondais vossos defeitos, mas deixou-os aparecer, amando a abjeção que dai lhe vem. Não deixeis abater o coração por qualquer falta que possais cometer. Desconfiai de vós mesma e confiai unicamente e sem cessar em Deus, persuadindo-vos fortemente que não podendo nada por vós mesma, podeis tudo com sua graça e poderoso auxilio. – Minha filha, quando vos tratarem ásperamente, vos diminuírem, vos rejeitarem, que se vos humilhe ou vos empregue em ofícios humildes e penosos, não penseis que seja para provar vossa virtude, mas fazei confessar ao vosso coração que merecis bem mais do que isto. Aí estão a meu ver os sinais de um espírito humilde. E quando estiverdes nestas práticas, disse, minha filha, que começais a amar a humildade. Quereis conhecer se alguém é humilde? Vede se é sincero em descobrir suas imperfeições sem dissimulação nem desvios, mas sinceramente. Quando se percebe que uma Irmã ama com alegria sua abjeção por ser advertida e corrigida, julgai que é verdadeiramente humilde.

Quando digo que é preciso amar o desprezo, a correção, o tratamento áspero, a abjeção, quero dizer que é preciso amar assim na parte superior e na suprema ponta do espírito, malgrado nossas repugnâncias e nossas dificuldades. Amar coisas tão contrárias a nossa parte inferior, com sentimento sensível, quase não seria possível. É uma graça que Deus não dá senão a alguns que Ele quer soberanamente gratificar, ou por

recompensa de sua fidelidade, mas este favor não é necessário.

Vós me perguntais se o coração humilde não é tentado de orgulho e se não tem algumas vezes pensamentos de vaidade? Sim, minha cara Irmã, pode ter tentações de orgulho, mas não obras de orgulho e não se servem disso senão para se aniquilar diante de Deus e lançar mais profundamente sua baixaza em Deus. Queridas Irmãs, como esta virtude da humildade é uma grande virtude! É a bem-amada de Jesus Cristo, e de nossa Divina Mestre, sua gloriosa Mãe. Se sagrado cântico, não é senão um louvor desta admirável virtude. *“Ele olhou, diz Ela, a humildade de sua serva, e por isso todas as gerações me chamarão Bem aventurada. Ele destruirá os soberbos e exaltará os humildes.*

Toda a Sagrada Escritura está cheia dos elogios aos humildes. Davi, este Grande Rei, feito segundo o Coração de Deus diz: O Senhor protege o simples de espírito. Enfim, a humildade atrai sobre nós os olhos e o coração do mesmo Senhor. Todavia, é preciso que seja uma humildade mais interior do que exterior. Jesus não disse de aprender dele esta exterior, mas sim a primeira: *Aprende de mim, nos disse a todos, que sou manso e humilde de coração.* Ó Deus, minhas Irmãs, como é coisa rara um coração verdadeiramente humilde porque está sempre mais baixo do que se o poderia colocar. Crede-me, minhas queridas filhas, é possuir um tesouro e uma

moeda própria para comprar o céu e o Coração de Deus, possuir um grão de verdadeira humildade.

Livro X pg.408 – Nossa fé não é palpável por que não depende dos sentidos. Ela é um dom de Deus infundido (infuso) nas almas humildes. Nas almas orgulhosas ela não pode morar. Precisamos de humildade para receber este raio da luz divina, que é um puro dom gratuito

Pg.460 – Aqui, temos a fé sem o gozo. No céu teremos o gozo sem a fé, pois lá não haverá mais lugar para a fé.

Livro VIII pg.336 – A fé não vê, mas crê... E quanto mais obscuro o objeto da fé, mais ela aí se compraz; deleita-se nas verdades de difícil compreensão.

Livro XV pg.125 – Carta à Santa Chantal

Peço-lhe desculpar-me pela brevidade desta, pois ainda estou em Gex, no meio de tantos negócios, que nem de que lado virar, sobretudo agora. Todavia não tenho necessidade de falar assim porque você já me conhece. Estou bem, graças a Nosso Senhor, que me dá uma coragem nova de O amar, servir e honrar mais do que nunca e de todo o meu coração, de toda a minha alma e todo o meu ser. E digo de todo o meu ser por que tomei consciência de que até o presente eu não tive aquele

ardor e nem cuidado conveniente ao dever que tenho com essa imensa Bondade.

Ah! Vejo aqui estas pobres ovelhas errantes, trato com elas e considero sua cegueira palpável e manifesta.

Ó Deus, a maravilha de vossa santa fé, me parece tão bela que morro de amor e vejo que me devo estreitar este dom precioso que Deus me faz num coração todo perfumado de devoção. Minha filha, agradecei esta luz soberana que difunde tão misericordiosamente os seus raios neste coração mesmo que eu esteja no meio daqueles que não tem fé. Veja mais claramente sua grandeza e desejável suavidade e dai ação de graças.

- Quer saber qual é o tempo mais apropriado para servir ao Senhor? É o momento presente, é agora mesmo. Este é o verdadeiro tempo, pois o passado já não nos pertence e o futuro não está ao nosso alcance. O tempo melhor para servir a Deus é o momento de agora. Se quiser recuperar o tempo perdido, empenhe-se com fervor e diligência, no tempo que lhe resta. E, não tenha medo! Jesus deu-lhe o desejo de ser bom. Ele ajudará. A paz esteja sempre no seu coração!

Livro II – pg. 220—Causas que colocam obstáculo à Santidade (S.J.C)

Minhas queridas Irmãs, eu pensava poder ainda vos servir hoje, mas a Divina Providência dispôs de outra maneira, porque Sua Majestade quer que eu parta. Não

tenho nada a acrescentar, minhas queridas filhas, do que já vos disse outro dia, na Conferência que vos fiz domingo, senão estas palavras: “não temos necessidade senão de bem desempenhar nossa obrigação, fazer bem o que temos que fazer.” Eu vos suplico, pois, tanto quanto me é possível, (quanto esta em mim) de bem empregar as boas moções, inspirações e luzes que Deus vos dá e de as levar à prática. Tenho aprendido por experiência das coisas da religião, que há quatro causas ou raízes de onde procede todo nosso mal. E que a essas quatro causas se opõem quatro pontos principais fundamentais que são como a fonte de nossa felicidade, (pontos centrais).

A **primeira**, é que nós não conhecemos bastante a grandeza e a excelência do estado religioso, nem a essência das verdadeiras e sólidas virtudes que aí se praticam: a verdadeira humildade, a paciência e outras. Dessa ignorância provêm os outros males. Assim uma alma que se aplica, tanto pela leitura como pela meditação, conferências ou outros meios, a conhecer a grandeza do estado religioso, avança e aproveita mais que as outras, porque destrói a ignorância, grande fonte do mal, e adquire o conhecimento, que a encaminha e predispõe aos bens que lhe oferece a vocação religiosa.

A **segunda** causa do nosso mal é que não temos bastante estima e nem sabemos avaliar como merece as coisas da religião, que são todas santas e foram

estabelecidas pelo Espírito de Deus, com tanta sabedoria, que são todas grandemente estimáveis (respeitáveis) e se for preciso usar desta palavra, quase todas adoráveis.

Estimais e apreciái, pois grandemente tudo o que se pratica na religião, como se acusar no capítulo, receber uma humilhação no refeitório, praticar um ato de cordialidade e mansidão. Estes são meios preciosíssimos para nos enriquecer. Não deveríamos jamais deixar escapar tais ocasiões sem ter um certo pesar no coração, procedente da estima que fazemos destas práticas. Porque vede no mundo, uma pessoa avarenta que ama o ouro e as riquezas, não perde jamais uma ocasião de os ajuntar. E por que isso? Porque os estima, e quer ser rica. Ela não encontra uma moeda que não a apanhe, e por mais que se depare com a palha, não a recolhe, porque é uma coisa comum que não se dá valor. Não devemos fazer assim queridas Irmãs, prezar e estimar todas as coisas da religião mais do que os mundanos apreciam o ouro, e ter uma santa ambição, ou mais uma santa soberba de nos enriquecer com estes bens. E não perder jamais, uma ocasião de os recolher.

A **terceira** causa do nosso mal é que não temos verdadeiros de perfeição que requer o estado religioso. Temos alguns pequenos desejos, mas são desejos frouxos, frios, sem vigor e que dão poucos frutos. A esta causa, estão opostos os desejos verdadeiros e ardentes

que são eficazes. Estou segura de que não há nenhuma dentre nós, que se tivesse um verdadeiro desejo de vencer (superar) algumas de suas paixões ou maus hábitos, por inveterados que fossem, que não contassem alguma vitória em poucas semanas, ou pelos menos, em alguns meses. Sabeis a resposta que deu Santo Tomás à sua irmã quando ela lhe perguntou qual o meio para ser logo perfeita. Ele lhe disse: Querendo. Não é preciso senão isso. Tende um verdadeiro desejo e eu vos asseguro que chegareis logo à perfeição. Vejo todos os dias, no mundo, pessoas que desejam fazer fortuna, conquistando poder, o que não fazem para isso, e com que cuidado trabalham! E por quê? Para conquistar bens perecíveis, para ter um pouco na terra que seja sua, assim como os outros homens. E nós, minhas queridas Irmãs, com que ardor devemos desejar fazer fortuna para o céu, e como devemos trabalhar para adquirir os bens perenes que nos são comuns com Deus e com os Anjos?

Passo à **quarta** e última causa de onde procede nosso mal e uma falta de coragem para empreender o bem e a virtude. Várias pessoas desejam a perfeição e falam bem dela, mas a menor dificuldade que encontram na execução dos seus desejos, perdem a coragem. Há também outros que reconhecem a felicidade da vocação religiosa, a estimam e tem grandes desejos da virtude, mas um último ponto lhes falta. Não tem aquela

coragem forte para resistir as tentações e suportar as contradições que se encontram no exercício das virtudes. Esta última causa é bem contrária à grandeza de ânimo e à generosidade. E é certo, necessita-se tê-la para superar as dificuldades que se experimentam frequentemente na prática do bem, por causa da miséria de nossa natureza. Por exemplo, se sentis que não tendes o que vos é preciso, todas as comodidades do corpo, se queixa e murmura. Deve-se vencer tudo isso generosamente e dizer: bem, se me falta alguma coisa, serei muito feliz de ter esta ocasião de sofrer alguma coisinha ou incomodidade. Sentis também alguma ambiçãozinha ou desejo de ser amada, ser preferida e tais outras coisas semelhantes? É preciso superar isso. Uma alma generosa não se entretém com essas fantasias e desejos. Ela tem pretensões bem mais elevadas porque aspira a verdadeira perfeição religiosa, que não consiste em bem fazer as cerimônias, cantar no coro. Não, não é isso o que faz o religioso ou a religiosa, mas o bem praticar as verdadeiras e sólidas virtudes que requer a vocação onde ela está.

Tomo IX pg. 318 - Sermão do Pentecostes (07.06.1620)

... Consideremos que este Dom (do Espírito Santo) é dado a cada um de nós em particular. Já dissemos que nele estão incluídos sete outros dons, que chamamos de: **temor, ciência, piedade, fortaleza, conselho,**

entendimento e sabedoria, os quais Ele comunica aos que estão preparados para recebê-los.

Começemos, pois pelo Temor. É o dom mais universal. O temor que se chama dom do Espírito Santo não somente nos faz temer os divinos julgamentos, a morte, o inferno, mas nos faz temer a Deus como nosso Senhor e nosso Juiz e, portanto nos leva a fugir do mal e de tudo o que sabemos lhe ser desagradável. Notemos, o que foi dito (Isaías), que os dons do Espírito repousaram sobre a cabeça de nosso divino Salvador e em seguida Ele ficou cheio do temor do Senhor. Por que isto? Nosso Mestre não tem necessidade de temor. Foi repleto, para derramar sobre cada um de nós, tanto perfeito como imperfeitos, os primeiros devem temer cair de sua perfeição e os segundos de não poder adquiri-la. O temor não deve servir para vir em socorro do amor, quando necessário. Não devemos conservar-nos no temor, nem mesmo guardá-lo nos nossos corações, que é o lugar do amor, mas somente deixá-lo à porta do nosso coração (Jo 4,18) afim de que seja pronto a socorrer o amor, assim como foi dito.

Piedade - Não é mais que um temor filial que não nos faz mais olhar Deus como Juiz, mas como nosso Pai ao qual não queremos desagradar, mas ao contrário desejamos agradar. Todavia nada nos serviria o desejo de agradar a Deus e o temor de desagradá-lo, se o Espírito não nos outorgasse o terceiro dom que é o da ciência.

Ciência – é o dom pelo qual aprendemos o que é a virtude e o que é o vício, o que é agradável a Deus e o que lhe desagrada. Vários antigos filósofos têm feito (selado) esta distinção. Aristóteles fez um tratado admirável das virtudes, mas nem por isso deixou de ser condenado, porque tendo reconhecido o caminho da virtude não quis segui-lo. Pelo dom da ciência, o Espírito Santo nos ajuda a reconhecer as virtudes, cuja prática nos é necessária e os vícios que é preciso evitar.

Fortaleza – É também necessário que o Espírito Santo nos entregue o quarto Dom que é o da fortaleza, porque de outro modo os precedentes não serviriam de nada, porque não basta ter a vontade de evitar o mal e a de fazer o bem, ainda menos conhecer um e outro, se não pomos mãos à obra. Por isso temos grande necessidade da Fortaleza, mas é preciso saber em que ela consiste. Não é fazer como Alexandre o Grande, que conquistou todo o mundo à força de armas. Ele não tinha o dom da força, como se lhe atribui por suas conquistas; sua força consistia em balas de chumbo que despedaçavam as muralhas e abatiam os castelos. Ele tinha ainda menos coragem do que se lhe dá. A prova é que não era capaz de se vencer e não tomar um copo de vinho, posto que era um beberrão. Vede-o se engolfando nos vícios, e chorando quando um certo filósofo veio dizer-lhe que ainda havia outros mundos que ele não tinha ainda

subjugado. Teve um tal pesar de não poder conquistá-los que não podia se conformar.

Façamos um pouco a comparação com a valentia e a coragem de um São Paulo eremita, ou ainda o grande Apóstolo Paulo, com esta de Alexandre. Este arruína as cidades, abate os castelos e subjuga o mundo à força de armas e se deixa por fim vencer-se (dominar-se) por si mesmo. Ao contrário, nosso grande Apóstolo parece querer subjugar e percorrer toda a terra para derrubar não as muralhas mas os corações dos homens e submete-los. Ao seu Mestre por sua pregação. E não contente com isto, vede, eu vos peço, o poder que ele tem sobre si, combatendo e sujeitando suas afeições e paixões à regra e tudo à santíssima vontade da divina Majestade. Eis em que consiste o dom da força e a grandeza da coragem: (submeter-se) dominar-se a si mesmo para se submeter a Deus, mortificando e cortando de nossos espíritos todas as coisas supérfluas, inúteis e imperfeitas por pequenas que sejam, sem nenhuma reserva. E, além disso, esse dom nos faz empreender de chegar a mais alta perfeição, sem temer as dificuldades que encontrar para adquiri-la.

Conselho – Assim fortificados para abraçar a verdadeira prática das virtudes, é necessário que tenhamos o dom do conselho para escolher aquelas que nos são mais necessárias segundo nossa vocação, porque se bem que seja sempre bom praticar as virtudes, é importante que as saiba praticar por ordem. É preciso pois, ter o dom do

conselho afim de seguir o exercício que o dom da fortaleza nos fez começar e para que não nos enganemos, escolhendo as virtudes segundo nossas inclinações e não segundo nossas necessidades, olhando apenas a casca e não a verdadeira essência das virtudes.

Após o dom do conselho vem o do Entendimento, que nos faz penetrar os mistérios de nossa fé por meio de meditações, e escolher (discernir) as máximas da perfeição interior no fundo destes mistérios. Mas, notai, eu vos peço que digo pela meditação e oração, não por curiosidade, especulação e estudo, como fazem os teólogos, porque uma simples e pobre mulherzinha será capaz de fazê-lo do que os mais excelentes doutores que tiverem menos piedade. Vejamos esta pobre mulher: ela irá prontamente reconhecer sobre a Cruz do Salvador, e mesmo no Coração de Deus, esta máxima da perfeição: “Bem-aventurados os pobres de espírito.” No mistério da Encarnação, ela reconhecerá a mesma máxima e ainda aquela da humildade e abjeção. Vede pois, bem claramente os efeitos dos dons do Entendimento, o qual além do que temos dito, nos faz compreender a verdade dos mistérios de nossa fé e como é necessário olhar a verdadeira essência das virtudes e não a aparência exterior somente, como também é útil seguir as verdades conhecidas seja pelo dom do conselho, seja pelo entendimento.

Ora o Espírito Santo não costuma deixar a alma a qual Ele outorgou estes seis dons que acabamos de explicar, sem acrescentar o da Sabedoria, quer dizer a “saborosa ciência” dando-lhe um gosto, um sabor, uma estima, em resumo um contentamento na prática da perfeição cristã que ela reconheceu pelo dom do entendimento. Assim fazendo, ao contrário de toda gente que estima bem-aventurados os ricos, aqueles que são honrados e vivem deliciosamente. Ela tem por bem-aventurados os pobres de espírito, pois que encontrou essa virtude no coração de Deus mesmo. Bem-aventurados os humildes, bem-aventurados aqueles que levam e fazem aparecer a mortificação procedente da interior renúncia e desprezo de tudo que o mundo faz caso.

Tomo IX pg. 260 – Não há senão uma coisa necessária para bem fazer a oração, que é ter Nosso Senhor entre nossos braços. Sendo assim, ela será bem feita de qualquer modo que a tomemos.

Tomo XVIII pg. 59 – Aquele que ama e que morreu para fazê-la viver é tão bom, tão amoroso, tão humano.

Tomo XVIII pg. 171 – Deus vos olha com amor. Quem não amaria este Coração real, paternalmente maternal para conosco?

Tomo XVIII pg. 172 – Vivei alegre: nosso Senhor vos olha e olha com amor, e com tanto mais ternura quanto tendes de fraqueza (debilidade, estupidez).

Tomo XVIII pg. 5- (É preciso ter coração de mãe)

Sem ofender ou quase sem ofender uma jovem, se a julgaria pouco sábia ou de cérebro fraco, se ela abrisse o seu seio e expusesse suas mamas à vista de todos, na rua ou nas igrejas; mas ninguém censuraria de ver uma mãe expor o seu seio para alimentar o seu filhinho no lugar e na hora que ele tivesse fome. Digo isso para vós e para mim; porque sempre é preciso fazer o que devemos para o serviço do nosso amoroso e bom mestre, para os que são verdadeiramente nele, nossos filhos e lhes abrir em todo lugar onde a necessidade o requeira, o seio materno de nossa afeição por sua salvação e lhes dar o leite da doutrina. Digo maternalmente porque o amor das mães é sempre mais terno para com os filhos do que o dos pais, por isso a meu ver, é que lhes custa mais. Sejamos, portanto um e outro porque é o dever que o Soberano nos impôs.

Ah! Monsenhor, meu caro amigo, tenho algumas vezes as lágrimas nos olhos, quando considero minha babilônica Genebra calvinista: “Nossa herança passou à estranhos.”

Quando considero nossa pobre, pequena e humilde Visitação que trará glória a Deus, ainda tenho eu alguma

consolação de ser bispo desta Diocese, ao menos este bem eu fiz.

**Mosteiro da Visitação de Santa Maria Rua Dona Inácia Uchoa,
208 – Vila Mariana**

CEP 04110-020 – São Paulo – SP – Tel. 11-5579-3948

www.monjasvisitandinas.com.br

**Mosteiro da Visitação – Barbacena –
Minas Gerais**

mostbarbacena@gmail.com

mosteirobarbacena2016@hotmail.com

telefone

32-33333819

WhatsApp

32-988911811